UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

JORNALISMO

TAINÁ LOURENÇO DAS VIRGENS

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: ATMOS - A PREOCUPAÇÃO COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS É AGORA

RIBEIRÃO PRETO

2021

TAINÁ LOURENÇO DAS VIRGENS

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: ATMOS - A PREOCUPAÇÃO COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS É AGORA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profª. Ms. Flávia Cortese Martelli.

RIBEIRÃO PRETO

2021

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Virgens, Tainá Lourenço das, 2000-
V816r Relatório do produto midiático multiplataforma: atmos - a preocupação com as questões ambientais é agora / Tainá Lourenço das Virgens. — Ribeirão Preto, 2021.
73 f.: il. color.

Orientador: Prof. Ma. Flávia Cortese Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2021.

1. Questões climáticas. 2. Questões ambientais. 3. Devastação ambiental. 4. Aquecimento global. I. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me ajudado a chegar até aqui e, principalmente, por ter estado ao meu lado, segurando minhas mãos, em cada momento que achei que não conseguiria.

Em segundo lugar, agradeço à minha família por abdicar de muito para que os meus sonhos se realizassem. Sem vocês, estar onde estou agora não seria possível.

E, por fim, a todos os professores que me orientaram antes e durante a construção deste trabalho. Graças a pessoas como vocês, posso ter esperanças de viver em um mundo melhor.

Ainda temos tempo de evitar o desastre, mas não há um minuto a perder.

(Tim Flannery)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO……....7

1 DETALHAMENTO TÉCNICO……..11

1.1 Público Alvo…… 12

1.2 Pautas……..... 12

1.3 Entrevistas……12

2 SINOPSE FINAL…… 14

3 ROTEIRO FINAL……... 14

3.1 Podcast…….. 15

3.2 Vídeo……17

4 CRONOGRAMA…… 19

5 RELATO DE PRODUÇÃO……..... 20

CONSIDERAÇÕES FINAIS…… 22

REFERÊNCIAS…….. 25

APÊNDICES……....27

ANEXOS…….. 64

RESUMO

VIRGENS, Tainá L; MARTELLI, Flávia C. Atmos: a preocupação com as questões ambientais é agora. Universidade de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2021.

O Brasil já foi apontado por pesquisadores como destaque nas questões ambientais, com propostas inovadoras e protagonismo em convenções que tratam sobre o assunto, como por exemplo a ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, onde foram propostas a Carta da Terra, ou Declaração do Rio, e a Agenda 21, assinada por 179 países. Porém, hoje o país é apontado por cientistas por seu retrocesso, com perda de investimentos para proteção do meio ambiente, além de bater recordes atrás de recordes em índices de desmatamento e incêndios. O presente trabalho surgiu da necessidade de falar sobre essa devastação ambiental causada, principalmente, após o desmonte da fiscalização ambiental no País, além da série de recordes em índices de desmatamento e incêndios no Pantanal e também na Amazônia. Desta forma, foi criado um blog jornalístico multiplataforma, que reúne matérias em áudios, textos e vídeos, para motivar o debate sobre a importância de a população e governos começarem a agir em relação às consequências das questões climáticas. O produto midiático multiplataforma trata a respeito das questões climáticas e ambientais que afetam o Brasil e também a região de Ribeirão Preto. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica embasada em autores que falam sobre o assunto, além de entrevistas em profundidade com pesquisadores e especialistas. A necessidade de falar sobre o assunto se dá devido a alertas de pesquisadores e cientistas do mundo todo sobre as consequências dessas questões estarem chegando a um ponto irreversível.

Palavras-chave: Questões climáticas. Questões ambientais. Devastação ambiental. Aquecimento global.

ABSTRACT

Brazil has already been pointed out by researchers as a highlight in environmental issues, with innovative proposals and a leading role in conventions dealing with the subject, such as ECO 92, held in Rio de Janeiro, where the Earth Charter or Declaration of the Rio, and Agenda 21, signed by 179 countries. However, today the country is pointed out by scientists for its setback, with loss of investments to protect the environment, in addition to breaking records after records in deforestation and fire rates. The present work arose from the need to talk about this environmental devastation caused, mainly, after the dismantling of environmental inspection in the country, in addition to the series of records in deforestation and fire rates in the Pantanal and also in the Amazon. In this way, a multiplatform journalistic blog was created, which brings together articles in audio, text and videos, to encourage debate on the importance of the population and governments starting to act in relation to the consequences of climate issues. The multi-platform media product deals with climate and environmental issues that affect Brazil and the Ribeirão Preto region as well. The methodology used was bibliographical research based on authors who talk about the subject, as well as in-depth interviews with researchers and specialists. The need to talk about the subject is due to warnings from researchers and scientists around the world that the consequences of these issues are reaching an irreversible point.

Keywords: Climate issues. Environmental issues. Environmental devastation. Global warming.

APRESENTAÇÃO

Segundo Colombo (2010), as questões ambientais começaram a se tornar um debate mundial por volta de 1968, ano em que ocorreu a primeira reunião entre governantes sobre a sustentabilidade, na chamada Conferência sobre a Biosfera, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Paris. A autora conta que dessa reunião surgiram muitas outras, como o Clube de Roma, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, e também a Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou ECO-92, que aconteceu em 1992, sobre a qual o presente trabalho falará mais a respeito nos próximos parágrafos.

Porém, não foi por meio dos governantes que a preocupação com a devastação ambiental começou. Colombo (2010), conta que foram os veículos jornalísticos os primeiros a destinarem atenção às consequências das ações do homem no mundo, logo após o final da Segunda Guerra Mundial. A autora (2010, p.6) fala que, com as notícias sobre os efeitos da guerra, "na Europa, a opinião pública tomava consciência de que o continente seria devastado na hipótese de um confronto nuclear". E esse foi o pontapé inicial para que a imprensa passasse a destinar espaço para mostrar "os problemas que a guerra ibérica causaram no meio ambiente afetando toda a biosfera" (COLOMBO, 2010, p.6).

Além disso, a autora diz que:

> Outro interesse em divulgar sobre o meio ambiente se deu pelo fato de que depois da Segunda Guerra Mundial podemos dizer que tivemos o início da Globalização como sinônimo de capitalismo, onde o crescimento econômico visava um processo de utilização cada vez mais intensivo de capital, de redução do uso de mão de obra e de utilização extensiva dos recursos naturais (COLOMBO, 2010, p. 7).

Por outro lado, Colombo (2010, p. 5 - 6) afirma que, no Brasil, o nascimento da imprensa voltada para o jornalismo ambiental começou de fato apenas por volta de 1980, "devido à descoberta do buraco na camada de ozônio e as primeiras preocupações sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global.". Segundo a autora, anos mais tarde, em 1989, ocorreu um dos encontros mais importantes para o jornalismo ambiental brasileiro, o Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas, em Brasília.

Por muito tempo o Brasil foi apontado por pesquisadores como destaque nas questões ambientais, com propostas inovadoras e protagonismo em convenções que tratam sobre o assunto, como por exemplo a ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, onde foram propostas a Carta da Terra, ou Declaração do Rio, e a Agenda 21, assinada por 179 países. Porém, o país que antes era visto como um dos protagonistas do debate ambiental, hoje é apontado por cientistas por seu retrocesso, em perda de investimento para proteção do meio ambiente, além de bater recordes atrás de recordes em índices de desmatamento e incêndios. Para se ter uma ideia, de acordo com Garcia e Soares (2020), "mais de 20 milhões de hectares da Amazônia, do Cerrado, da Mata Atlântica e do Pantanal, juntos, foram atingidos por queimadas, segundo o Sistema de Observação da Terra da Nasa (EOSDIS)". Os autores afirmam ainda que, somadas, as áreas queimadas nesses biomas nos últimos cinco anos representam cerca de 10% do território nacional, ou seja, 82,3 milhões de hectares.

Além do fogo, as florestas também enfrentaram o desmatamento. Segundo Escobar (2020), a taxa de desflorestamento na Amazônia, de agosto de 2018 a julho de 2019, aumentou 34%, em comparação ao mesmo período do ano anterior. O autor conta que o valor foi três vezes maior do que o proposto pelo Brasil para 2020, na Convenção do Clima de 2009, que aconteceu em Copenhague. O País também é um dos destaques quando o assunto é a emissão de gases de efeito estufa, uma das pautas mais importantes de debate entre os países do mundo. Em 2020, fomos responsáveis por 2,28% das emissões globais, de acordo com painel Global Historical Emissions, da WRI Brasil.

Mas a devastação não se dá apenas pela perda de florestas para madeireiros, grileiros e fazendeiros. Apesar de ser relatado como um dos países mais biodiversos do mundo em várias pesquisas, segundo Rodrigues (2020), o Brasil também é um dos que mais desrespeita a fauna. A autora escreve que, de acordo com estimativa da Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas), todos os anos, pelo menos, 38 milhões de espécies são retiradas da natureza para venda clandestina. Rodrigues (2010), diz ainda que, um outro levantamento, feito pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), revelou que, de 12.256 espécies brasileiras estudadas, 1.173 estão ameaçadas de extinção. Fato que coloca as espécies no radar do tráfico, segundo Dener Giovanini, coordenador geral da Renctas:

> Quanto mais ameaçada de extinção a espécie, mais procurada ela se torna e maior é o valor que esse animal alcança no mercado ilegal. É o que chamo de 'ciclo da morte'. Ou seja, quanto mais ameaçado ele está, mais caro é comercializado, e mais

> procurado ele se torna. E quanto mais procurado esse bicho for, mais ameaçado de extinção ele estará (RODRIGUES, 2020).

Ainda assim, Rodrigues (2020), afirma que a caça e o comércio ilegal desses animais, na verdade, é a segunda causa da extinção das espécies, pois, "a primeira ainda é a perda de habitat provocada por atividades humanas, como o agronegócio e queimadas". E por falar em agronegócio, Brito (2018) relata que o setor aparece como vilão em mais um cenário: a falta de água. A autora apresenta um dado da Agência Nacional de Águas (ANA), que apontou que a categoria é responsável por 70% do consumo de água no país, enquanto isso, mais de 35 milhões de brasileiros não possuem acesso à água tratada. Outro fator, relatado por Brito (2018), é a falta de tratamento de esgoto que "compromete mais de 110 mil quilômetros dos rios brasileiros que recebem os dejetos".

Segundo Ricardo Novaes, especialista em Recursos Hídricos do WWF-Brasil, em entrevista a Brito (2018), é antiga a ideia de que o Brasil é dono de uma fonte inesgotável de água, porém diversas regiões têm sentido na pele que essa não é uma verdade:

> As gerações mais antigas foram criadas com o mito do país riquíssimo em água, que água seria um problema crônico, histórico, só no Nordeste, no semiárido. Obviamente, desde 2013, na primeira crise que a gente teve (...) ficou claro que o Sudeste e o Centro-Oeste têm problemas concretos, intensificados nos últimos dois anos, de disponibilidade de água (BRITO, 2018).

Assim como o País, a região de Ribeirão Preto não fica para trás na degradação ambiental. Um levantamento do Instituto Ribeirão 2030, publicado em 2019, apontou que, apesar de a ONU recomendar o uso de 110 litros de água por habitante por dia, para suprir necessidades de higiene e consumo, "em Ribeirão Preto, o consumo per capita de água em 2017 foi de 216 litros diários, conforme cadastrado no SNIS".

Nesse cenário, surge a importância de falar sobre as questões ambientais, desde a preservação, às catástrofes, aos crimes ambientais e até iniciativas que têm investido nos valores da sustentabilidade. O meio ambiente não é apenas assunto da Academia, visto que afeta a todos os habitantes da terra. E aqui entra o papel do jornalismo:

> No momento em que a sociedade é confrontada pelos desafios decorrentes das mudanças climáticas, cabe ao jornalismo a missão de fornecer às pessoas informações para que tomem decisões esclarecidas sobre como enfrentar a questão ambiental. Isso porque, dentro dos regimes democráticos, a prática jornalística assumiu o conceito de serviço público, cabendo a ela, neste regime político, fornecer aos cidadãos as informações necessárias ao exercício da cidadania. (RODRIGUES e Costa, 2011, p. 4, apud TRAQUINA, 2005).

Em meio à divulgação de fake news, descrédito à Ciência, principalmente quando o assunto são as mudanças climáticas e o aquecimento global, cabe ao jornalista a função de trazer dados, fontes e informações verídicas. As consequências do consumo excessivo, do desmatamento, do crescimento desenfreado do agronegócio, do garimpo ilegal, da falta de planejamento urbano e das emissões de gás carbônico já estão aí. Os efeitos não vão começar, a população já os vive, todos os dias, sem perceber.

É neste contexto onde se torna possível perceber a relevância do jornalismo ambiental. Segundo Grimberg e Dornelles (2011, p. 8, apud Gelós, 2008) "o jornalismo ambiental trata-se da mais ampla e completa das especializações jornalísticas, em função de destinar igual ênfase às questões científicas, políticas, sociais, econômicas, culturais, ambientais e éticas". Por meio desta cobertura, a população passa a ter acesso aos fatos que têm ocorrido no mundo, não apenas na esfera ambiental, pois falar de meio ambiente, de certa forma, é falar sobre tudo o que cerca a vida humana, desde os recursos naturais até a desigualdade social.

Segundo Martino (2015), as informações são fundamentais para que possamos tomar decisões, pois elas possuem a capacidade de nos mostrar, em meio a vários contextos, qual é a realidade. E no ambiente virtual, essa possibilidade se expande, pois o ciberespaço cria mais oportunidades de alcance, uma vez que:

> Nas comunidades virtuais há imensos fluxos de informação entre os participantes — qualidade compartilhada pelas redes sociais. A possibilidade de formação de espaços de debate, troca de opiniões e eventualmente de tomada de decisões não pode ser negligenciada na medida em que indica, também, o potencial de ação das comunidades virtuais no mundo real. (MARTINO, 2015, p. 48).

Foi pensando nessa difusão de informações que este projeto foi criado: um blog multimídia que traz conteúdos jornalísticos pertinentes ao meio ambiente. Desta forma, o trabalho buscou revelar e identificar as questões ambientais que afetam a região de Ribeirão Preto e o País. O objetivo foi mostrar como a devastação ambiental afeta vidas e que ela pode ser evitada. Além disso, abordar as consequências que tais problemas podem trazer para o presente e também para o futuro. Para isso, este produto incorpora matérias com especialistas e pesquisadores, além de entrevistas e eventualmente histórias de pessoas que em algum momento foram afetadas por tais problemas.

O blog multimídia foi escolhido para este projeto, pois oferece múltiplas possibilidades para que as informações cheguem a mais pessoas, já que o alcance pode chegar

a diversas redes devido à utilização de mídias como o podcast, o vídeo, o texto e a imagem. Segundo Martino (2015), a forma de consumir informação e cultura mudou após a cultura de convergência. Por exemplo, para saber o que está acontecendo no mundo hoje, os primeiros procurados pelas pessoas não são os jornais e livros, mas sim o smartphone e a televisão.

Ainda de acordo com Martino (2015, p. 38) "em uma cultura da convergência, não só as divisões entre formas de produção e recepção da cultura mudam, mas a própria maneira de contar histórias encontra outros caminhos." E é por isso que este projeto trabalha com a narrativa transmídia, que de acordo com o autor (2015), nada mais é do que histórias que ocorrem e se desdobram em diversas plataformas e formatos. Graças a este novo jeito de contar histórias, é possível atrair um público cada vez maior, atingindo diversos nichos, além de "proporcionar, a públicos diferentes, maneiras específicas de viver as narrativas para além do que é apresentado no cinema ou na televisão" (MARTINO, 2015, p. 39).

1 DETALHAMENTO TÉCNICO

O blog buscou apresentar algumas das questões que mais afetam o Brasil e a região de Ribeirão Preto e, por meio dessas, promover o debate a respeito de como essas questões afetam o dia a dia das pessoas e como as consequências desse problemas podem estar mais perto do que imaginamos. Para isso, foram realizadas entrevistas com especialistas de várias áreas para tratar sobre temáticas pertinentes ao Blog, que foi desenvolvido na plataforma Google Sites.

Apesar de não oferecer tantas possibilidades, esta plataforma foi escolhida devido à simplicidade para criar o layout do site, além de menus e configurações. Desta forma, o blog está dividido nas seguintes categorias: "Home", é a primeira página do produto, nela estão as últimas notícias publicadas; "Sobre", traz dois textos sobre a linha editorial do Blog e também sobre a autora; "Brasil", nesta seção estão as matérias sobre assuntos relacionados ao País; "Ribeirão Preto", nesta, por sua vez, estão as notícias específicas da região; "Especiais", contém as reportagens mais elaboradas com várias entrevistas e conteúdo multimídia, assim como listas; "Atmoscast", local específico para a divulgação do podcast do blog Atmos.

1.1 Público Alvo

Por se tratar de um produto multiplataforma, o público alvo deste trabalho foi ambientalistas, profissionais da área jurídica e também jornalistas que se interessam pela temática, além de internautas que têm interesse em reportagens sobre as questões ambientais da região de Ribeirão Preto e do Brasil.

Além disso, este blog destina-se a pessoas de 18 a 30 anos que tenham interesse em questões climáticas e em adquirir mais informações sobre como essa é uma realidade que já nos afeta. E que buscam se engajar em causas sociais e lutar para trazer mudanças significativas para a região e para o país.

1.2 Pautas

O blog traz entrevistas e análises de especialistas em questões ambientais. O conteúdo conta com discussões aprofundadas sobre diversas temáticas, com a participação de pesquisadores e professores que estudam as questões ambientais/climáticas no Brasil, além de jornalistas que têm experiência com essa área de cobertura. Além dos dados, as matérias também trazem algumas histórias, como de pessoas que estiveram no Pantanal em 2020 e contaram as experiências do que aconteceu por lá, durante as queimadas.

1.3 Entrevistas

Leandro Atos Barbosa, jornalista, repórter do Jornal Metrópoles e freelancer no The Intercept, Projeto Solos, El País, Ponte Jornalismo e Agência Pública. Tem experiência em jornalismo ambiental e de direitos humanos. Já esteve no Pantanal durante os incêndios de 2020. Fez matérias na Amazônia, em comunidades indígenas no Mato Grosso e cobriu o vazamento de óleo no litoral brasileiro em setembro de 2019. Nesta entrevista, o jornalista falou sobre as principais questões ambientais que afetam o Brasil, além de sua experiência em coberturas.

Mariah Campos Barbosa, formada em Gestão Ambiental pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP) de Piracicaba, atualmente mestranda do Programa Interunidades em Ecologia Aplicada da ESALQ e

pesquisadora no Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC), em Ribeirão Preto. Mariah, por sua vez, falou sobre as questões que afetam a região de Ribeirão Preto. Além disso, falou sobre a questão da reciclagem de lixos na cidade.

Danusa Teodoro Sampaio, formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Franca e mestre em Sustentabilidade Urbana pela UFSCar, é professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNAERP. Responsável pela Joia do Futuro, atua como designer de joias produzidas a partir de materiais recicláveis. Durante a entrevista, ela falou sobre os caminhos que o lixo pode ter e da importância da reutilização de materiais que podem (e devem) ser reaproveitados.

Gustavo de Carvalho Figueiroa, graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é fotógrafo, biólogo e conservacionista, além de embaixador da WWF Brasil e membro do Instituto SOS Pantanal. Falou sobre as queimadas no Pantanal em 2020, a atuação do Instituto, o resgate dos animais durante a catástrofe e a recuperação da fauna e da flora após os incêndios.

José Marcelino de Rezende Pinto, licenciado em Física pela Universidade de São e bacharel em Direito pela mesma universidade, além de mestre e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, é professor da USP em Ribeirão Preto e um dos responsáveis pelo programa Ambiente É o Meio, que debate questões ambientais na rádio USP. Durante a entrevista, falou sobre a importância da educação ambiental desde a escola até a vida adulta.

Jorge Salomão Júnior, é formado em medicina veterinária pela Universidade Metodista de São Paulo e médico veterinário responsável pela Ampara Silvestre e Instituto Raquel Machado. Durante a entrevista, ele falou sobre os incêndios que atingiram o Pantanal em 2020 e a recuperação do bioma.

Augusto Martinez Perez Filho. Doutor em Direito pela Faculdade Autônoma de Direito - FADISP; Mestre em Direito pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP; Master of Laws - LLM pela Brigham Young University (EUA). Professor no Programa de Mestrado Profissional em Direito da Universidade de Araraquara - UNIARA e dos Cursos de Direito da Universidade Paulista - UNIP e da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP. Falou sobre como as questões ambientais podem afetar a segurança alimentar.

As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma Google Meet, que permite gravar as chamadas, e também por conversas em áudios pelo whatsapp. A questão do tempo

foi um agravante para marcar as conversas com os especialistas, pois, por a maioria ser professores e pesquisadores, e devido ao período de pandemia que vivemos, todos estiveram muito atarefados e, em vários casos, não foi possível marcar entrevistas em horários comuns para a produção do blog e os entrevistados.

2 SINOPSE FINAL

No Grego antigo, “ἀτμός”, ou “atmós”, em uma tradução livre, significa apenas “vapor”. Parece simples, mas quando reunido em um único local, temos “Atmosfera”. Responsável por controlar o clima na Terra, essa parte, aparentemente pequena, é capaz de trazer benefícios incontáveis quando funciona da forma correta. Em contrapartida, o menor problema pode causar danos irreparáveis para todos nós.

Chuvas torrenciais, secas extremas, aumento na temperatura, perda de biodiversidade, aumento de pestes e doenças. Todas essas (re)ações da natureza, apesar de parecerem distintas, possuem algo em comum: a ação humana como propulsora do desequilíbrio ambiental. Assim como um insignificante acúmulo de vapores na atmosfera, algo que parecia pequeno, como uma árvore cortada e alguns hectares queimados, de repente, se desdobrou em uma catástrofe.

Essas questões já podem ser sentidas de Norte ao Sul do planeta. Desde o maior volume de chuvas dos últimos 112 anos - que deixou 45.284 desalojados, 8.297 desabrigados e levou 55 vidas, apenas em Minas Gerais, em 2020 - à Antártica, que atingiu os 20ºC pela primeira vez. E o blog Atmos existe para mostrar essas consequências da ação do homem no mundo.

Existe a ideia de que as questões ambientais são um assunto para se pensar no futuro, mas aqui você vai encontrar histórias de seres reais que já vivem ou viveram as consequências da ação do homem no mundo. Apesar de parecer distante, esse não é um assunto para as gerações futuras. Ele já está aí, mas ainda há tempo de ser resolvido.

3 ROTEIRO FINAL

3.1 Podcast

Trilha - Abertura **Loc: Tainá** **Continua trilha**	**Dulce Reggaeton - An Jone** Olá, eu sou a estudante de jornalismo Tainá Lourenço e você está ouvindo o "Atmoscast". Aqui, falo sobre as questões ambientais que afetam o Brasil e a região de Ribeirão Preto. **Dulce Reggaeton - An Jone**
Loc: Tainá	Dono da segunda maior área de florestas do mundo, o Brasil foi reconhecido internacionalmente como liderança no combate às questões ambientais durante anos. Mas, hoje, pesquisadores e lideranças mundiais questionam o retrocesso em conquistas antes alcançadas pelo país. Para o jornalista, Leandro Atos Barbosa, especialista na cobertura ambiental no Brasil, a deficiência na atuação contra os problemas ambientais sempre existiu, mas regrediu desde a ascensão do novo Governo Federal.
Léo Atos	**Deixa inicial: "**A gente tinha um bom trabalho sendo feito quando isso estava na mão do presidente do Ibama…"

	Deixa final: “vai tornar tudo muito mais complicado”
Tainá Lourenço	Para o jornalista, essa é uma questão que está além da falta de verbas para atuar em toda a dimensão territorial do País, mas sim no corte de investimentos para operações que antes eram realizadas pelos órgãos de fiscalização.
Léo Atos	**Deixa inicial:** “Eu acho que as questões a se destacar na relação do que falta e o que não falta” **Deixa final:** “... mas havia minimamente um investimento maior para esse tipo de coisa, e hoje não existe mais”
Tainá Lourenço	De acordo com Atos, a desestruturação dos órgãos ambientais beneficia grandes produtores e agronegócio, que lucram com a exploração desses espaços.
Leo Atos	**Deixa inicial:** “Não só eles como as grandes empresas que estão lá” **Deixa final:** “e o avanço de desmatamento, o avanço do garimpo e seja do que for aconteça”

Tainá Lourenço	Essa foi a primeira edição do Atmoscast, um podcast sobre as questões ambientais do Brasil e da região de Ribeirão Preto. Espero você para a próxima. Tchau!
Trilha - Encerramento	**Dulce Reggaeton - An Jone**

3.2 Vídeo

Vídeo - Em chamas	
Imagem	Áudio
Clipe abertura - imagens do fogo	**Efeito sonoro: chamas** **Trilha abertura - Tomorrow** **Leandro Barbosa:** **Deixa inicial:** "As comunidades indígenas..." **Deixa final:** "... acabou com todas as plantações". **Efeito - fogo** **Gustavo Figueirôa:** **Deixa inicial:** "Nunca vai ser o que era…" **Deixa final:** "... vai continuar em mudança". **Efeito - fogo** **Leandro Barbosa:** **Deixa inicial:** "Então esse fogo interfere…" **Deixa final":** "... dimensão do que era".
Título - Em chamas	**Título - Em chamas**
Imagem Leandro	**Leandro Barbosa** **Deixa inicial: "**Foi a primeira vez que eu entrei de fato no Pantanal…" Deixa final: "... tudo o que a gente via nos documentários, parecia não existir mais".
Arte - Gustavo Imagens - pantanal	**Deixa inicial:** "O que houve de diferente no ano passado…"

	Deixa final: "... essa grande catástrofe ambiental".
Imagem Leandro	**Leandro Barbosa** **Deixa inicial:** "Então, a gente viu um bioma". **Deixa final:** "... que não foram presas, né".
Imagens - animais pantaneiros	**Som ambiente**
Imagens - animais pantaneiros	**Gustavo Figueirôa** **Deixa inicial:** "Muitas espécies vão levar muitos anos para repovoar…" **Deixa final:** "... vai levar uns bons anos, quem dirá décadas".
Imagem - Leandro	**Leandro Barbosa** **Deixa inicial:** "Então, esse fogo interfere…" **Deixa final:** "... também interfere na vida delas".
Arte - Gustavo Imagens - pantanal	**Gustavo Figueirôa** **Deixa inicial:** "Olha, para mim…" **Deixa final:** "... vida e morte no mesmo lugar".
Imagens pantanal Imagem - Leandro	**Leandro Barbosa** **Deixa inicial:** "É isso que me angustia muito…" **Deixa final:** "... para que isso não aconteça".
Vídeo - Pantanal saudável	**Trilha de encerramento - Sad Emotional Piano - MOKKA - Miracle**
Créditos	**Créditos**

4 CRONOGRAMA

Atividades	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Criação do blog	X					
Entrevista especialistas e personagens	X	X	X	X		
Produção e postagem das matérias		X	X	X	X	
Elaboração do relatório do produto				X	X	
Revisão do relatório					X	X
Entrega relatório + produto						X

5 RELATO DE PRODUÇÃO

O blog Atmos nasceu antes mesmo do desejo de produzir um conteúdo multiplataforma. Essa ideia começou como uma pequena faísca. Meu contato com este universo ocorreu ainda nos primeiros anos de faculdade, em um estágio na Universidade de São Paulo. Naquele período tive contato com o programa Ambiente É o Meio, produzido pelos professores Marcelo Marini Pereira de Souza e José Marcelino de Rezende Pinto, que me permitiu conhecer - e me revoltar - com a realidade das questões ambientais no Brasil. Um dos maiores países, em questão de território, e casa da maior parte do mundo da floresta Amazônica. Rei do desperdício e da devastação. Agora governado por representantes que "passam a boiada" e se aproveitam de crises mundiais para destruir e vender o máximo que puderem.

Com o tempo, a pequena faísca se tornou uma chama que me convidou a não perder de vista nada do que estivesse ocorrendo nesta área. E aí aconteceu. Vazamento de óleo no litoral brasileiro; Pantanal e Amazônia em chamas; Manaus sem energia elétrica; São Paulo sob nuvem de fumaça e, mais recentemente, crise hidrelétrica por quase todo o País. De repente, apenas acompanhar já era mais suficiente. Eu precisava fazer alguma coisa. Mas o blog ainda não surgiu aí.

A primeira ideia nasceu no final de 2020, com o desejo de produzir um documentário sobre as chamas que ceifaram boa parte da biodiversidade pantaneira. Como jornalista, eu queria estar lá. Minha maior filosofia - da qual compartilho com diversos outros profissionais - é que o jornalismo não pode ser feito de casa. Nem de dentro de redações lotadas, com ar condicionado e cafezinho a vontade. Acredito piamente que as melhores matérias estão nas ruas, esperando para serem contadas. Porém com uma pandemia e quase 2 mil km de distância, os meus planos sofreram adaptações até chegarmos ao Atmos.

O Atmos não é um local apenas para dados ou alertas. O primeiro objetivo era contar histórias e mostrar como as questões ambientais e climáticas afetam pessoas, todos os dias, em todos os lugares do mundo. Não apenas no Pantanal ou em Brumadinho e Mariana. Mas também nas favelas, sem saneamento básico. Nas regiões mais remotas do agreste, sem água, muitas vezes sem comida, sem ruas pavimentadas e longe dos olhos da nata centro-sul do país. Ou ainda no coração da Amazônia, na luta dos povos indígenas para preservar sua cultura, manter seu espaço, tomado pela primeira vez pelos portugueses e agora, mais uma

vez, pelos próprios filhos dessa terra.

Mas não apenas isso. O jornalismo ambiental não precisa viver de crises e sensacionalismo ambiental. Ele respira pelas histórias transformadas pelo meio ambiente. Os animais resgatados; as comunidades que vivem do ecoturismo; os assentamentos que lutam contra a insegurança alimentar; Ongs e iniciativas que se dedicam à arborização e reflorestamento e pessoas que encontraram no lixo fontes de recomeços. Esse é o Atmos. Ele nasceu de um grito de resistência, inspirado por jovens, cientistas, professores e pesquisadores de todo mundo que ainda lutam com a mesma bandeira: ainda há tempo, mas precisa ser agora.

Mas como em meio a uma pandemia nem tudo são planos concretizados como queremos, essa ideia também precisou ser adaptada após crises e mais crises depressivas. Com um Trabalho de Conclusão de Curso, dois empregos, vida pessoal e uma faculdade ainda em curso, o Atmos existiu, mas ainda não totalmente como deveria. As histórias inspiradoras precisaram abrir um espaço - temporário - para as matérias possíveis. Diante das minhas condições mentais e do tempo para concluir um trabalho bem feito, o conteúdo aliou a voz de especialistas e personagens que conseguiram ver de perto o que uma crise ambiental é capaz de fazer.

Gosto da ideia de que todas as questões que envolvem o meio ambiente estão interligadas. Assim como uma árvore cresce, produz alimento para seres humanos e animais (que por sua vez ajudam a espalhar suas sementes por outros lugares), ajuda a capturar o gás carbônico da atmosfera, que por sua vez manda chuvas para a Terra, abastecendo rios e lençóis freáticos, que, por fim, vão alcançar as raízes daquela mesma árvore, assim é uma crise.

O fogo que queima no Pantanal, pode afetar o abastecimento de água de toda a região Sudeste-Sul do Brasil, além de emitir gases de efeito estufa à Atmosfera, aumentando a temperatura terrestre, que pode provocar os famosos eventos climáticos extremos - como chuvas torrenciais e desertificação - que, consequentemente, afetam na produção de alimentos, encarecendo produtos nos supermercados, atingindo o bolso dos consumidores (principalmente os mais pobres). Por isso do nome “Atmos”, para lembrar que, o que ocorre na Atmosfera, afeta também a Terra, atingindo também tudo o que vive e respira.

Acredito que essa é uma jornada que está apenas começando, mas que já me ensinou muito e ainda reafirmou algumas certezas que tive desde o primeiro dia em que coloquei os

pés na Universidade de Ribeirão Preto, local que me acolheu e preparou não só para o mercado de trabalho, mas também para avançar alguns passos na "vida adulta". Na UNAERP pude crescer e me redescobrir dentro e fora do jornalismo, além de contar com o apoio dos professores que fizeram muito mais por mim do que apenas dar aulas.

Por fim, com o Atmos entendi que as questões ambientais no País são mais profundas e requerem muito mais atenção, dedicação e pesquisas do que uma mera cobertura de alguns dias em um desastre que ocorreu em uma cidade remota, geralmente causado por empresas que ninguém sequer ouviu falar. Mas é para isso que o jornalista existe. Questionar o inquestionável e contar para a sociedade aquilo que ninguém quis dizer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou identificar e revelar algumas das principais questões ambientais enfrentadas pelo Brasil e pela região de Ribeirão Preto em um blog multiplataforma contendo matérias jornalísticas. Por meio de entrevistas realizadas ao longo da produção para a construção do blog, foi possível perceber que o problema ambiental no País está além da cobertura realizada pelas mídias tradicionais, considerada por diversos pesquisadores como "sensacionalismo ambiental". Ao entrar em contato com jornalistas especialistas na área ambiental e também por meio de entrevistas com profissionais da área ambiental, foi possível confirmar que as questões ambientais no Brasil, e consequentemente também na região de Ribeirão Preto, não fazem parte da pauta da política pública atual, onde constatou-se sérias denúncias em todo o país.

Essas questões também estão presentes no cotidiano da sociedade e precisam ser expostas, por isso a importância do papel do jornalista neste cenário, para levar à população informações - e também denúncias - fundamentadas e verídicas sobre esses casos e também as consequências que já afetam a realidade da população. Foi graças ao trabalho de jornalistas e pesquisadores que divulgaram informações sobre o Pantanal que a população passou a voltar os olhos para a devastação que vinha ocorrendo naquele bioma - enquanto milhares morriam em hospitais devido à Covid-19, sob o pretexto de aproveitar o momento para "passar a boiada". Foi graças ao trabalho jornalístico que o vazamento de óleo no litoral do Brasil chegou ao conhecimento do público. Foi ainda devido a este trabalho - que ocorreu principalmente nas redes sociais - que o resto do mundo soube do apagão em Manaus no começo deste ano.

O jornalista informa e também "desacoberta" fatos, de certa forma, ignorados pelo poder público e escondido dos olhos da sociedade. Desta forma, o presente trabalho não buscou apenas mostrar uma parte de como as questões ambientais afetam a população brasileira, mas também trazer um alerta para a sociedade, sobre a importância da preservação, da fiscalização e, principalmente, de acompanhar os passos do poder público, que tem se aproveitado de momentos oportunos para desmantelar leis e propagar ainda mais devastação.

Apesar de parecer um assunto distante, as consequências das questões ambientais e/ou climáticas já têm sido sentidas por todas as partes do mundo, fato que o blog Atmos buscou trazer em cada uma das matérias publicadas. Enquanto governantes e donos de empresas

pensam em lucrar a todo custo - criando leis que não serão cumpridas e discutindo de novo e de novo as mesmas questões, enquanto criam promessas que não possuem a intenção de cumprir - já existem milhares de pessoas em todo o mundo que vivem no dia-a-dia os alertas dado por cientistas há vários anos.

Essa é uma realidade que, além de ser discutida por pesquisadores e cientistas incansavelmente, tem motivado também jovens de várias nações a lutar pelo próprio futuro e também das gerações que ainda virão. Este trabalho é fruto do mesmo sentimento que ecoa entre milhares de pessoas que se preocupam com o resultado da inconsequência, ganância e irresponsabilidade dos governos ao redor do mundo. E ainda um grito de esperança: “O tempo está acabando, mas ainda há tempo”.

REFERÊNCIAS

BRITO, Débora. **A água no Brasil:** da abundância à escassez. Agência Brasil, Brasília, 25, out. de 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/agua-no-brasil-da-abundancia-escassez>. Acesso em: 23 mai. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2021.

COLOMBO, Macri Elaine. **Jornalismo Ambiental:** a sua história e conceito no contexto social. *In:* XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Manaus: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2674-1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

COONTROL, Tecnologia em combustão. **Conheça o histórico das emissões de gases poluentes no Brasil**. Disponível em: <https://blog.coontrol.com.br/historico-das-emissoes-de-gases-poluentes-no-brasil/#:~:text=Entre%20os%20anos%20de%201990,indicando%20um%20aumento%20de%2032%25>. Acesso em: 26 mar. 2021.

DANTAS, Carolina. **Desmatamento na Amazônia em 2020 é mais de 3 vezes superior à meta**
proposta pelo Brasil para a Convenção do Clima. G1, 1, dez. de 2020. Publicado em <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/12/01/desmatamento-no-brasil-em-2020-e-mais-de-3-vezes-superior-a-meta-proposta-para-a-convencao-do-clima.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ESCOBAR, Herton. **Desmatamento da Amazônia dispara de novo em 2020**. Jornal da USP, 7, ago. de 2020. Publicado em <https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

GARCIA, Edenise; SOARES, Mariana. **Fogo e desmatamento**: as marcas do cenário ambiental brasileiro em 2020. Revista Galileu, 21 dez. de 2020. Publicado em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/12/fogo-e-desmatamento-marcas-do-cenario-ambiental-brasileiro-em-2020.html> Acesso em: 26 mar. 2021.

GE, Mengpin; FRIEDERICH, Johannes. **4 gráficos para entender as emissões de gases de efeito estufa por país e por setor**. WRI Brasil, 28, fev. de 2020. Disponível em <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/02/quatro-graficos-explicam-emissoes-de-gases-de-efeito-estufa-por-pais-e-por-setor>. Acesso em: 26 mar.2021.

GRIMBERG, Daniela de Seixas; DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires. **Jornalismo Ambiental na web:** uma análise dos critérios de noticiabilidade. *In:* XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34., 2011, Recife. Anais [...]. Porto Alegre: Intercom, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0347-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. S.I: Editora Aleph, 2009. 432 p. Disponível em: <https://www.nucleodepesquisadosexvotos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999. 257 p.

PORTAL G1. **Brasil possui a 2ª maior área de florestas do mundo**. G1, Campinas, 21, mar. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2020/03/21/brasil-possui-a-2a-maior-area-de-florestas-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2020.

PORTAL, G1. **Ribeirão Preto coleta 17 mil toneladas de lixo por mês e só destina 1% à reciclagem**. G1, Ribeirão e Franca, 14, set. de 2029. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/09/14/ribeirao-preto-coleta-17-mil-toneladas-de-lixo-por-mes-e-so-destina-1percent-a-reciclagem.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2021.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto; COSTA, Grace Soares, Jornalismo, Meio Ambiente e Democracia. *In:* XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34., 2011, Recife. Anais [...]. Manaus: Intercom, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1781-1.pdf> . Acesso em: 26 mar. 2021.

RODRIGUES, Paula. **A máfia dos bichos**. ECOA, São Paulo, 11, mai. de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/trafico-no-brasil-tira-por-ano-35-milhoes-de-animais-da-floresta-e-gira-r-3-bilhoes/#page26>. Acesso em: 23 mai. 2021.

APÊNDICES

DECUPAGENS

Entrevistado: Mariah Campos, formada em Gestão Ambiental pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP) de Piracicaba, atualmente mestranda do Programa Interunidades em Ecologia Aplicada da ESALQ e pesquisadora no Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC), em Ribeirão Preto.

Entrevista 1 - Questões ambientais no Brasil

Data de realização: 25/03/2021
Horário da entrevista: 10h50
Via: Whatsapp

A dimensão territorial do Brasil é muito grande e por isso, existem várias questões ambientais locais que merecem destaque, mas no âmbito nacional e que afeta todo o território nacional, quais as questões que você destacaria que são as mais importantes?

O Brasil é um território gigantesco com diversos problemas ambientais que diferem de localidade para localidade. Mas se eu for pensar no macro, do país como um todo, eu acredito que muito do que causa os problemas ambientais é a falta de planejamento com o qual as cidades foram construídas. A gente tem megalópoles, regiões enormes e aglomerados de cidades que foram crescendo sem um planejamento sócio ambiental. Por isso eu destacaria as questões que envolvem muito a questão social, que é: falta de saneamento básico, falta de esgotamento sanitário, falta de tratamento de esgoto. Isso gera problemas tanto ambientais, quanto sociais, então são muito graves. Depois eu colocaria, visto que já estamos enfrentando mudanças climáticas, a mobilidade urbana, porque as cidades são construídas para os carros e elas precisam ser construídas para o transporte coletivo, público coletivo e para bicicleta,

pedestres. E as emissões de gases de efeito estufa, porque as cidades são grandes emissoras de gases de efeito estufa, que já está nos prejudicando. Se a gente não tomar medidas, justamente de planejamento ambiental, de planejamento urbano, nada disso vai melhorar tão cedo.

Eu não posso deixar de indicar também a questão do desmatamento, estamos vivendo uma pandemia e o desmatamento está muito ligado à questão do surgimento de novas pandemias, porque ao desmatar as florestas o ser humano entra em contato cada vez mais próximo com a fauna e aí as doenças que estavam só ali na fauna acabam encontrado o ser humano em seu percurso, porque eles vão ficando sem habitat. A questão do desmatamento no Brasil é seríssima e é um crime que a porcentagem de desmatamento tenha voltado a crescer de 2019 para 2020, nós precisamos muito correr atrás do prejuízo e fazer essa taxa de desmatamento parar de crescer.

E na região de Ribeirão Preto?

Na região de Ribeirão Preto eu acredito que a questão também vai se pautar na falta de planejamento ambiental, mas o que é muito gritante aqui é a questão dos resíduos sólidos. Somos uma região rica com PIB alto, região metropolitana de Ribeirão Preto, e temos índices baixíssimos de reciclagem e isso é muito sério porque a gente vai precisar cada vez mais de espaço para aterro sanitário. Esse aterro vai ficar isolado por anos e anos, porque é uma questão de saúde pública, você não pode colocar qualquer coisa próxima a um aterro sanitário e esses territórios vão deixar de ser parques, cidades, florestas. Então, a gente tem que nos conscientizar em produzir menos lixo e a gestão pública tem que pensar em uma logística de reciclagem mais inteligente para a nossa cidade. Aqui em Ribeirão Preto eu também não posso deixar de citar a questão do uso exacerbado de água por habitante por dia. A nossa média beira os 265 litros por habitante por dia e a estimativa da ONU é 110 litros por habitante por dia, você consegue suprir todas as suas funções e necessidades. Claro que estamos em cima do aquífero guarani, que é um aquífero importantíssimo para toda a sociedade e a gente precisa cuidar dele, diminuir o consumo de água, preservar as nascentes. Então, em Ribeirão, eu destacaria a questão da água, do aquífero guarani e dos resíduos sólidos.

É possível dizer que falar sobre o meio ambiente no Brasil é falar também sobre a garantia de direitos humanos e sobre o bem estar social?

Com certeza, ao falar de meio ambiente, se não estivermos falando de bem estar social e de direitos humanos, a gente está falando errado. São duas coisas totalmente ligadas por conta das injustiças ambientais, a justiça racial ambiental. Porque? Quando algum desastre acontece, quando a cidade é mal planejada e aí não tem saneamento básico, e tem deslizamento de morro e tem desmatamento, normalmente tudo isso acontece na área mais pobre da cidade, ou seja, vai afetar aquela região socioeconômica de menos poder aquisitivo, então vai afetar diretamente pessoas pobres, negras. Então é muito intrínseco a questão ambiental com a questão social. Ao falar de meio ambiente temos que estar falando de garantia de direitos humanos e de bem estar social.

O Brasil já foi destaque mundial quando o assunto era a questão ambiental, mas neste momento as nações de todo o mundo estão questionando as políticas ambientais adotadas pelo atual governo. Em sua opinião nós regredimos em políticas ambientais ou estamos tendo mais acessos às informações e portanto as agressões ao meio ambiente são mais debatidas?

A questão ambiental no Brasil já foi destaque, ela é muito falada por conta da biodiversidade que nós temos. Somos o país mais biodiverso do mundo. A legislação do estado de São Paulo já foi referência no mundo também, mas de uns tempos para cá estamos sendo atacados. A legislação ambiental, as funções ambientais estão sendo atacadas sim e isso é um plano de governo, não é uma falta de intenção. É justamente essa a intenção. E podemos dizer que podemos debater mais e isso é bom, no sentido de que os dados estão chegando para as pessoas, temos mais informações, esse processo é positivo, mas também acredito que estamos vivendo um sucateamento da pesquisa ambiental da legislação ambiental, do valor do meio ambiente, da sociedade e das populações tradicionais. Então, ao passo em que estamos vivendo esse ataque, estamos tendo mais notícias. Uma coisa não anula a outra.

Há falta de fiscalização ambiental hoje ou esse problema sempre existiu? Quem se beneficia disso?

A questão da fiscalização é muito complicada e esse problema sempre existiu. Não é fácil, de novo a gente volta na primeira pergunta. O país é enorme, somos o 5º maior do mundo, não é fácil contratar pessoas suficientes para fiscalizar infrações ambientais, então esse é um problema que sempre existiu. Com o governo, o que a gente deveria estar fazendo? Combatendo esse problema e buscando soluções. Então, mais verbas, mais equipes, mais treinamento, mais contratação, mas a gente está fazendo o contrário nesse atual governo. Porque esse é justamente o plano do governo, desmantelar a pouca fiscalização que já existe. Tirar o valor dos órgãos que cuidam dessa fiscalização. Então, é sim um problema que sempre existiu, pela questão da proporção do nosso país, mas ele está sendo atacado, a fiscalização está sendo atacada de propósito para deixar a boiada passar, para deixar a ilegalidade entrar nas florestas.

Por que é importante falarmos sobre a preservação ambiental?

Falar de preservação ambiental e de conservação ambiental é de extrema importância. São coisas diferentes. Preservação conota a ideia de áreas intocadas, áreas que não tem a convivência com seres humanos e conservação já tem mais uma pegada de conservar ali com a presença humana. São conceitos diferentes, mas os dois são muito importantes de serem discutidos. Devem ser pautas, tanto da escolinha até a faculdade, quanto da sociedade. Ela não pode ficar só na escola também, todos têm que estar discutindo preservação e conservação ambiental para o nosso futuro. É uma questão, assim, não vamos mais conseguir viver sem colapsos, sem grandes extremos climáticos, insegurança alimentar, falta de energia. Vão acontecer colapsos atrás de colapsos em várias questões ambientais que afetem a vida dos seres humanos todos os dias se a gente não falar mais de preservação e conservação ambiental, convivência entre seres humanos, meio ambiente e fauna e todos esses assuntos relacionados com a natureza.

Como são as fake news no âmbito das questões ambientais? Elas podem fazer com que a sociedade não acredite na urgência dessa pauta?

As fake news são muito problemáticas em todos os âmbitos. No âmbito da pandemia, no âmbito social e econômico e não vai ser diferente no ambiental. Ela com certeza enfraquece a percepção que as pessoas têm acerca da importância da temática e também esbarramos na questão do negacionismo ambiental e climático que alguém no poder, alguém poderoso, nega

para a população algum problema ambiental como se ele não fosse de relevância, como se ele não existisse. Isso propaga aquilo que uma não urgência, uma descredibilização da pauta, deixando tudo muito mais complicado, porque quando a gente tem o envolvimento da população, ainda mais com a questão ambiental... Assim, algumas pessoas estudam a questão ambiental, mas todos os seres humanos da terra estão ligados à questão ambiental, querendo ou não. E esse é um grande desafio da profissão, que é envolver toda a sociedade, mesmo quem tem interesse na área ou não, porque não vamos conseguir fazer tudo sozinhos, o planeta precisa de todos, não só dos profissionais ambientais. Então, as fake news fazem um trabalho horroroso de descredibilizar as questões ambientais, as importâncias ambientais. O negacionismo que o presidente fala, o negacionismo que a gente já viu do Trump também, de outras pessoas em cargos políticos é muito problemático porque a gente já está com pouco tempo para correr atrás das coisas que tem que ser feito, de planejamento ambiental, de mitigação e adaptação climática e enfim nós já estamos em uma correria para correr atrás do que tem que ser feito e as fake news e o negacionismo só interferem mais ainda para atrapalhar o trabalho nas questões ambientais.

Entrevista 2: A questão do lixo

Data de realização: 24/11/2021
Horário da entrevista: 8:00
Via: Whatsapp

Ribeirão preto produz cerca de 750 toneladas de lixo por dia, mas recicla apenas 0,25% disso. Para onde vai tanto lixo?
Todo os resíduos sólidos produzidos em Ribeirão Preto que não são reciclados vão para os aterros sanitários localizados em Guatapará e Jardinópolis.

Quais são as consequências do descarte incorreto para o meio ambiente?
As consequências do descarte incorreto são várias, entupimento de bueiros e consequentes enchentes dos rios e córregos, afeta a vida da fauna que pode se alimentar desses resíduos indevidamente ou ter sua vida complicada por conta do acúmulo de lixo, pode causar incêndios, emissão de gases de efeito estufa, poluição visual, entre outros. e por isso, o descarte incorreto de resíduos se torna um problema de saúde pública pois afeta a todos! Todavia, na maioria das vezes o acúmulo de lixo fica localizado em regiões mais humildes da cidade afetando diretamente a população destes locais.

Como a poluição por lixo pode afetar a vida da população?
Antes do lixo virar lixo, tudo pode acontecer! Quando consumimos algo e descartamos de maneira correta, ou seja, já fazendo a separação dos tipos de resíduos diretamente após o consumo, podemos enviar para a reciclagem os resíduos sólidos recicláveis como metal, papel, papelão, vidro, entre outros. E, podemos fazer a compostagem dos resíduos sólidos orgânicos que são os restos de alimentos, como cascas de ovo, de banana, de frutas e legumes, restos de alimentos cozidos, pó de café e chás. Além destes 2 tipos de resíduos citados acima, também temos outra separação muito importante que são os “rejeitos”. Os rejeitos são os resíduos sólidos que necessitam de destinação específica, como ir para um ecoponto ou um programa de logística reversa ou resíduos que precisam ir pro aterro sanitário pois não são passíveis de serem reciclados ou compostados. Ao fazer essa separação em nossas casas de resíduos recicláveis, resíduos orgânicos e rejeitos nós deixamos de produzir cerca de 90% do

lixo que produzimos anteriormente, já que agora estamos encaminhando corretamente estes materiais. O lixo ocorre quando misturamos todos os tipos de resíduos sólidos e depois dessa mistura não conseguimos mais separar os materiais e tudo fica comprometido e precisa ser destinado ao mesmo local: o aterro sanitário.

Como a prefeitura/governos podem atuar para lidar com o excesso de produtos descartados?

O governo e as prefeituras podem e devem garantir políticas públicas de qualidade para que cada vez se torne mais acessível para o cidadão realizar a reciclagem e a compostagem dos resíduos sólidos. É preciso destinar orçamento para programas de educação ambiental e conscientização sobre a temática, garantir a coleta seletiva em todos os bairros das cidades, implantar usinas de compostagem, apoiar as cooperativas de reciclagem locais, dar incentivo a empresas que têm boas práticas, financiar pesquisas e estudos sobre resíduos sólidos na localidade, envolver a população nas discussões através de uma plataforma participativa, implementar e manter ecopontos de descarte de diversos tipos de resíduos por toda a cidade, entre outras possibilidades. Outra questão muito importante de ser abordada é que, além de fazermos a separação correta dos resíduos sólidos no pós consumo, precisamos nos conscientizar sobre a diminuição dessa produção. Cada vez estamos produzindo mais lixo e precisamos de mais e mais aterros sanitários. O movimento lixo zero se baseia nos 7 rs: Repensar, recusar, reduzir, reaproveitar, reutilizar, reciclar, e recuperar. O primeiro passo, o repensar, nós conseguimos atingir através da educação ambiental e projetos de conscientização. O próximo passo é a chave de toda a discussão sobre a diminuição da produção de resíduos que é o RECUSAR. É para recusarmos a produção desnecessária de um descartável, por exemplo, ao levar nosso copo durável na bolsa, é sobre não cair nas tentações do consumismo e se atentar a comprar somente o necessário, é sobre repensar todos os nossos consumos e ver onde podemos recusar a produção de mais resíduos desnecessários. Um passo de cada vez.

Entrevistado: Leandro Atos Barbosa, jornalista, repórter do Jornal Metrópoles e freelancer no The Intercept, Projeto Solos, El País, Ponte Jornalismo e Agência Pública. Tem experiência em jornalismo ambiental e de direitos humanos. Já esteve no Pantanal durante os incêndios de 2020. Fez matérias na Amazônia, em comunidades indígenas no Mato Grosso e cobriu o vazamento de óleo no litoral brasileiro em setembro de 2019.

Data de realização: 03/04/2021
Horário da entrevista: 10h00
Via: Google Meet

Perguntas:
A dimensão territorial do Brasil é muito grande e por isso, existem várias questões ambientais locais que merecem destaque, mas no âmbito nacional e que afeta todo o território nacional, quais as questões que você destacaria que são as mais importantes?

02:12 Falar de meio ambiente e de dimensão territorial do Brasil é bem complexo porque o Brasil é enorme e os locais onde os nossos biomas estão, são locais que geralmente são mais ermos e o poder público demora demais para chegar. Acho que a grande questão dessa situação, de como vamos cuidar disso ou daquilo outro se torna muito mais complexa para se discutir. Se nós formos falar 'a o que eu posso destacar em âmbito nacional e que afeta todo o território', lógico, um lugar é mais do que o outro, assim. Mas a Amazônia sem dúvida tem sido o que a gente tem mais discutido em relação a toda a destruição e a importância do bioma e da floresta para a sobrevivência do mundo, mas ela não faz toda essa função sozinha. Então a gente tem o Pantanal que ainda está ali, resistindo bravamente, com uma série de vegetações que ajudam, inclusive, na questão da absorção de carbono, do ar e daquela coisa toda. Tanto que a gente vai falar também do Cerrado que tem uma outra particularidade importantíssima para que as coisas aconteçam. Então, assim, é um ecossistema, é uma coisa interligada na outra. É difícil a gente destacar o que é mais importante ou não é nessa problemática brasileira. Nesse jogo sinistro que a gente vive.04:32 Então, eu acho que as questões a se destacar na relação do que falta e o que não falta, do que merece ou não merece destaque, na verdade, não é 'qual bioma nós vamos proteger', mas 'o que ou não o governo está fazendo e neste momento o que o governo está fazendo é fiscalizar e afrouxar legislações pertinentes à

proteção dos biomas, das florestas e enfim, as legislações ambientais do País. 05:01 Se temos que destacar alguma coisa em relação à dimensão territorial do país, não é a complexidade dos territórios somente, que é um território muito difícil de acessar, que é muito difícil de chegar, fiscalizar. É tudo muito amplo, é rio, tem que ser em barco, às vezes tem que ir de avião. Eu sei que tem toda essa complexidade, mas havia minimamente um investimento maior para esse tipo de coisa, e hoje não existe mais 05:30 hoje o que existe são grupos que afetam e agridem esses biomas, fortalecendo e insistindo para que o meio ambiente permaneça no seu posto. E isso para nós é muito preocupante porque quando essas pessoas que agridem aquele meio ambiente querem que aquele ministro permaneça, a gente já pode ter um pé atrás nesse processo. 05:57

06:17 **Há falta de fiscalização hoje ou isso é um problema que, na verdade, sempre existiu?**

06:18 Na verdade, é um problema que sempre existiu, acho que a fiscalização precisa se intensificar, mas a gente tinha um bom trabalho sendo feito quando isso estava na mão do presidente do Ibama, ICMBio e outras parcerias, com a Polícia Federal e tudo o mais. Mas hoje está mais do que claro, eu acho que para todos, que a problemática, é a falta de fiscalização, porque ela não está existindo mais. Então você vê uma queda enorme na questão das multas, uma queda enorme na questão de operações e você vê uma luta entre governo e pessoas que querem fiscalizar. Então há um processo mesmo de desmonte desse tipo de ação, que, lógico, vai tornar tudo muito mais complicado. 07:18 Então você não demarca terra indígena, não fiscaliza madeireiros, não fiscaliza territórios que deveriam estar sob proteção por serem áreas de proteção e preservação ambiental. Então, assim, a gente tem uma série de problemáticas que, literalmente, envolvem o atual governo. 07:36 Então, por exemplo, recentemente, acho que foi em fevereiro desse ano, saiu uma normativa do governo que autoriza, por exemplo, cooperativas que têm uma presença de pessoas indígenas no seu corpo diretor e, a partir do momento que essas cooperativas, que podem ser mistas, com pessoas brancas e indígenas numa mesma cooperativa, esse grupo indígena que está ali presente quer explorar essa terra indígena, onde eu vivo, onde eu moro, isso se tornou possível. 08:17 Então, o que se vê na Amazônia hoje, por exemplo, são essas pessoas utilizando indígenas

como laranjas nesse processo. Aliciam indígenas para fazerem parte dessas cooperativas e conseguir adentrar esses territórios.

10:04 **Quem é que se beneficia com toda essa catástrofe, nesse cenário de falta de fiscalização e de desmonte dos órgãos ambientais. Na verdade, são duas perguntas: o que é que está acontecendo de verdade nesses órgãos de fiscalização, como o Ibama, o ICMBio e tantos outros, o que o governo tem feito nesses órgãos para que essa fiscalização 'falhe', de certa forma. E quem é que está se beneficiando com isso?**

Eu acho que quem se beneficia é o agronegócio. Os grandes produtores rurais que tem interesse nessa terra e tem interesse nessa destruição. Não só eles como as grandes empresas que estão lá. 10:57 Os grandes madeireiros, o garimpo. E quando a gente fala de garimpo, a gente não está dizendo que é o garimpeiro que está ali dentro quase morrendo com o mercúrio, a gente está falando da pessoa que é dona daquele lugar, que deu toda aquela estrutura e que, enfim, são grandes políticos, grandes empresários, são pessoas que às vezes nem aparecem e a gente não faz ideia de quem são. 11:22 Para haver uma fiscalização a gente precisa cair de cabeça nesse universo para entender esse processo. 11:30 Longe de mim dizer agora que fulano ou ciclano é ou não é, até porque se não eu sou processado. Mas a gente tem uma ideia de que são pessoas grandes, são políticos, são empresários, pessoas de muito dinheiro que financiam todo esse processo. E quando a gente está falando do que está acontecendo dentro desses órgãos, a gente está dizendo que existe um governo, o governo precisa estar caminhando lado a lado com essas pessoas para que esse processo de desmonte aconteça. O que a gente vê hoje é um desmonte da legislação atual, para que o avanço de empreendimentos imobiliários e o avanço de desmatamento, o avanço do garimpo e seja do que for aconteça. 12:18 Temos um governo usando helicópteros da polícia, dos militares, para levar garimpeiros para Brasília para ter uma conversa com garimpeiros, houveram diferenças reuniões de governo com garimpo, diversas reuniões de governos com madeireiros. Inclusive o Ibama incitando madeireiro a processar associação indígena que era contra a ação da associação deles dentro do território deles. Então, assim, você vê um governo que tem um

lado. E o lado é o lado que destrói. O lado que não quer a preservação, não quer a conservação. Então, a gente tem um ministro do meio ambiente que está trabalhando para isso. Acho que quando a gente escuta aquela frase, vamos aproveitar esse momento para passar a boiada, é exatamente isso que a gente está vendo 13:15 é uma série de legislações sendo atropeladas, sendo levada, para que as pessoas tenham acesso a lugares que deveriam ser protegidos. 13:22

14:03 O Brasil já foi destaque mundial quando o assunto era a questão ambiental, mas neste momento as nações de todo o mundo estão questionando as políticas ambientais adotadas pelo atual governo. Dá para dimensionar, neste momento, o tamanho da perda que isso tem sido para a luta ambientalista no nosso país?

14:31 Eu acho que quando a gente vê a devastação, que houve mais fogo no Pantanal, houve mais fogo na Amazônia, houve mais desmatamento na Amazônia, quando a gente vê todo esse processo, eu acredito que já é uma grande perda. Quando a gente vê uma legislação desmoronando, é uma grande perda. Porque foram anos e anos para que tudo isso fosse construído e que em poucos anos ela está caindo muito rápido. E ao mesmo tempo toda a violência no campo que se intensifica, todo o conflito agrário que se intensifica. Então, as terras indígenas são demarcadas e os fazendeiros se aproveitam dessa situação. Ou essa questão mesmo de garimpeiros estarem em terras indígenas e nada acontece e o mercúrio ali correndo solto pelos rios, interferindo na saúde, matando, interferindo na saúde de comunidades indígenas inteiras 15:35 Então, tudo isso é uma grande perda. Não é simplesmente, tipo, 'eu não consegui me fazer ser ouvido neste momento e eu sempre fui'. Não é isso. A questão é, a maior perda, entre todo esse processo é essa. É a gente ver que uma luta de anos que garantiu uma série de legislações ela foi simplesmente ignorada e essas legislações estão simplesmente sendo desmanchadas em tão pouco tempo 16:04. E até quando isso vai permanecer e em quanto tempo que os nossos biomas vão resistir a isso, porque, por mais que haja luta, por mais que haja denúncias, para temas internacionais... 16:47 Então, assim, acho que não tem questões mais incisivas para esse tipo de processo. E eu não estou dizendo nem de uma intervenção internacional não, eu estou dizendo do próprio congresso brasileiro. A gente tem uma bancada ambientalista que tenta lutar, mas não é o interesse de todo o congresso. O que deveria ser 17:10 Então, assim, ao mesmo tempo que a gente vê,

estamos passando por uma pandemia que deixa claro o quanto esse congresso é frouxo em relação às atitudes que precisa tomar. Então, é a mesma coisa que acontece com a floresta, né. Se está morrendo esse tanto de brasileiro e nada está sendo feito, imagina uma floresta 17:29

17:42 **Quem realmente são os afetados por tudo isso que está acontecendo?**
17:55 Acho que dá para fazer uma linhagem. Todos nós somos, mas claramente os primeiros atingidos e serem extremamente afetados são os povos das florestas, é a comunidade ribeirinha, é o quilombola, é o indígena. Sabe. São pessoas que vivem da floresta e que dependem desse lugar para sobreviver e para ter a sua própria cultura e o seu estilo de vida preservado. Então, a partir do momento em que essa floresta começa a ser destruída, o primeiro impactado são essas comunidades. 18:27 E isso é desde o que é ilegal, no que tange tipo a lei proibide, não deveria acontecer, mas acontece, ou desde aquilo que tem um aparato da lei. 18:54 É óbvio que quem vive da floresta serão os primeiros atingidos. Quem vive da e na floresta são os primeiros atingidos. Mas a gente está falando também de uma corrida do mundo contra essa questão climática, né, contra o aquecimento global, enfim, e todas essas coisas que a gente está vivendo. Então todos nós perdemos, né, porque a gente depende da floresta para estar vivo. Se ela não existir, a gente não vai viver tanto tempo. O mundo não vai resistir 19:23

19:34 **É possível dizer que falar sobre o meio ambiente no Brasil também é falar sobre garantia de direitos humanos e o bem estar social?**
19:41 Totalmente. Eu acho que garantir a preservação ambiental é garantir a vida. Garantir o acesso à água potável, garantir um ar possível de se respirar, é garantia de alimentação. É garantia de tudo. De tudo. Então, não deixa de ser um direito humano. A gente precisa do meio ambiente preservado para viver. E a vida é um direito humano. Ter a possibilidade de vida, de ter condições básicas de dignidade é um direito humano, então, quando a gente avança sobre a floresta e vai criando toda essa discussão que a gente vê e todos esses processos que levam as pessoas à pobreza, que levam as pessoas a doenças, que levam as pessoas a entrarem em condições diferentes e totalmente inferiores do que elas viviam dentro da floresta, a gente está dizendo de uma série de direitos que estão sendo negados para essas comunidades e para todos nós, de alguma maneira também. 20:50

21:02 **Por que é importante a gente falar sobre a preservação ambiental, sobre a fiscalização e a conservação?**

21:07 Eu acho que as pessoas precisam entender o valor do que nós temos. Por exemplo, qual é o valor da floresta? Por que preservar nos favorece como seres humanos. Enfim, eu acho que as pessoas precisam conhecer o que existe dentro do Brasil, e é um conhecimento para além do que a gente aprende ali no ensino médio e no ensino fundamental, que tal peixe vive em tal rio em tal lugar, né. Não, quais são as consequências de não preservar aquele bicho, porque é importante estar com esse animal vivo? Por que é importante estar com esses peixes fluindo livremente no rio? Por que é importante ter toda essa vegetação de pé, essa floresta ali, bonita, preservada? Porque é importante a gente lutar para que tudo isso permaneça como está? Acho que tudo isso precisa estar muito claro na cabeça dos brasileiros e o que a gente sabe muito pouco hoje é a importância de tudo isso. 22:37 Acho que a maioria do que a gente fala com as pessoas diz muito também desse aprendizado que não existiu e que existe pouco, na verdade, na comunidade. 23:01

22:51 Eu digo isso, por exemplo, quando comecei a fazer reportagens sobre o Pantanal, muita gente chegou para mim para falar "cara, você fez uma cobertura totalmente diferente do que a gente está acostumado a ver, normalmente a gente está escutando muito que x focos de incêndio foram identificados no bioma e que destruiu x hectares, mas a gente não sabe o que é a consequência desses x hectares destruídos". O que a gente fez no ano passado, e que de alguma maneira outros veículos começaram a fazer também, foi mostrar a consequência desse fogo. Então, esse fogo interfere no ar que eu respiro, esse fogo interfere no dia a dia na vivência de uma série de animais. Então você está tendo lá a onça queimada, você está vendo a carcaça daquele bicho lá toda queimada, você está vendo 23:45, ouvindo histórias de bichos chorando de dor, conforme estavam sendo tocados pelo fogo Então, tudo isso, as pessoas não tinham dimensão do que era. Elas tinham dimensão de tudo o que acontecia todo ano. 24:04 E nada disso mostrava as consequências de tudo isso. As comunidades indígenas do Pantanal ficaram com fome, porque acabaram com todas as plantações. Então, não tinha comida, não tinha água potável e ainda tinha que viver e conviver com aquela fumaça intensa, dezenas de problemas respiratórios 24:25 então, tudo isso precisa vir à tona. Quando eu falo que precisamos mostrar para as pessoas as consequências e a importância da preservação e as consequências de não preservá-la, é disso que eu estou falando. As pessoas precisam entender

o quanto isso interfere na vida de quem está lá e o quanto isso também interfere na vida delas. 24:45

41:21 **Qual dessas coberturas mais te surpreendeu e qual foi a que teve o maior impacto para você?**

41:33 Cara, sem sombra de dúvidas foi o Pantanal. Eu nunca tinha participado de uma cobertura de um incêndio nessa proporção. Então, tudo ali era muito difícil, sabe?. Os lugares de hospedagem gratuita eram extremamente distantes da onde o fogo estava, mas pagar hospedagem no local onde o fogo estava acontecendo era extremamente caro e nem sempre você tem essa possibilidade, então compensava mais a gasolina na ocasião do que pagar, sei lá, quase R$500,00 na diária de um lugar. Ao mesmo tempo você estava em uma estrada em um lugar que não tinha telefone, que não tinha internet. Alguns pontos tinham wi-fi e você tinha que convencer a pessoa a deixar você usar e você estava em um lugar que era extremamente perigoso, que você parava na estrada e corria o risco do fogo se aproximar e você não tinha sinal. Então, se o carro quebra ali era algum problema. A gente teve o nosso carro quebrado, mas a gente conseguiu ter acesso a comunicação de alguma forma, com o carro que passou, que conheciam a gente, era um amigo meu que estava parado em outro lugar, que passou, esse cara foi lá e me avisou, enfim, a gente conseguiu buscar o meu amigo, mas o carro acabou ficando lá e a gente foi embora, porque o guincho ainda não tinha ido buscar porque era um lugar muito complicado. Então, assim, tudo era muito difícil. Tinha muita fumaça, sua saúde, era pandemia, então a gente estava vivendo essa situação também de gravidade, então a gente estava com hotel que todas as pessoas estavam trabalhando, desde militares a jornalista, a qualquer tipo de profissional, estavam todos no mesmo lugar 43:20 então você comia em um lugar que tinha muita gente, não tinha essa separação. Então era tudo muito arriscado, sabe? Deixava todo mundo muito à flor da pele, era tudo muito difícil. Essa cobertura foi uma das mais difíceis para mim. E que me ensinou muito em todos os aspectos. Que tipo de história contar nesses momentos, sabe? Que tipo de situação a gente tem que mostrar para o público, na condição de repórter e de cidadão. Tipo, o que eu mostro dessa desgraça toda? O que eu falo? Sabe, para que eu não viesse fazer disso um puta sensacionalismo sobre a dor do outro, mas que ao mesmo tempo mostre para as pessoas o significado de lutar para que aquilo acabe, para que aquilo cesse e o governo enviasse tudo o que precisasse ser enviado de uma vez por todas. j44:28 Porque eu acho que uma das grandes

dificuldades, em N situações, mas nessa especificamente, é o governo agir na hora em que tem que agir. Ele nunca faz isso. Então, o fogo queimou para caramba, destruiu milhares de hectares para ter uma iniciativa um pouco mais incisiva e não como precisava ainda, mas depois de o fogo já ter destruído milhares de hectares, depois de ter passado semanas pegando fogo, sabe. Depois de as pessoas estarem batalhando sozinhas nesses lugares, nas suas fazendas, em suas casas, para receber uma ajuda 45:09 então, assim, se a gente não tivesse conseguido gerar a rede que a gente gerou de informação e de mobilização nas redes sociais, eu digo com muita precisão e não com convencimento, eu acho que nesse processo todo, a gente criou o grupo eu e várias influências indígenas e enfim, pessoas no Brasil todo, e a gente criou um grupo no whatsapp para trocar informação e fazer com que essa informação chegasse para as pessoas, não a nível de reportagem, mas com pequenos vídeos, pequenos textos, o twitter foi um lugar onde isso aconteceu demais. Toda nossa força veio dessa mobilização que a gente criou dentro da rede social. A gente conseguiu manter o Pantanal por semanas como topic trends do twitter, a gente apareceu em estudos que mostravam os nossos nomes como as pessoas que influenciaram o mundo e mostraram para o mundo o que estava acontecendo no Pantanal. Então, não foi só a reportagem em si, a gente fez todo um trabalho de mobilização social extremamente forte 46:27 e que pra mim, assim, a gente criou uma coisa que até então não tinha ocorrido, nessa condição que aconteceu no Brasil, de falar do meio ambiente e estruturar as coisas como a gente estruturou. Não que as mobilizações não aconteçam dessa forma para outras temáticas, isso com certeza, mas para a repercussão que a gente fez sobre o Pantanal, foi algo que, pelo menos, nunca vi. Foi algo muito novo que aconteceu. 47:03 A gente conseguiu levar a informação para além do portal de notícias, além da tv e tudo o mais que tinha. A gente levou a informação muito mais rápido. A gente conseguia passar o que estava acontecendo em tempo real. 47:16

47:51 **Nesse cenário, o que mais te impactou?**

47:51 Até então, foi a primeira vez que eu entrei de fato no Pantanal, eu já tinha estado em algumas regiões, mas eu ainda não conhecia o Pantanal nesta dimensão. E a primeira vez que eu entrei no Pantanal, na maneira que eu entrei para essa reportagem, acho que foi o momento em que eu mais conheci o Pantanal e eu mais conheci o Pantanal no momento em que ele menos era Pantanal. Tudo o que a gente via na TV, tudo o que a gente via nos documentários,

parecia não existir mais. 48:43 Então, assim, era um lugar que estava totalmente seco, totalmente queimado, era um lugar que você não conseguia ver os bichos, era previsto para a ocasião em que aconteceram esses incêndios, eles estarem nas estradas, ali. Lógico, a gente viu muita coisa, mas não como normalmente deveria ser. 49:03 Então, a gente viu um bioma totalmente desestruturado. E pensar que tudo isso foi feito pela mão do homem é muito triste. Te deixa um pouco angustiado. Desde que eu voltei de lá, eu não consigo um dia pensar o que vai acontecer neste ano. sabe? 49:30 Todo dia, pelo menos num momento da vida, eu tiro para pensar "meu, como que vai ser esse ano? o que vai acontecer? Porque é isso, assim, se o homem foi capaz de fazer isso uma vez e a gente não viu nenhuma força política para impedir que as coisas avançassem da maneira que avançou e a gente vê o quanto estão desestruturando todas as legislações ambientais do Brasil, enquanto estão mudando e tentando alterar diversas leis, códigos e normas, a gente tem pessoas desse tipo que não foram presas e elas continuam lá, elas podem tacar fogo, podem continuar destruindo. Então é isso que me angustia muito nesses processos. É de ver um lugar totalmente destruído, um lugar que eu sonhava em conhecer pelo que eu via na tv e quando eu conheço eu não vejo nada do que me mostraram, porque a interferência humana foi destrutiva no nível em que a gente viu e pensar que se eu voltar lá nesse ano, por exemplo, talvez eu não veja. Todo mundo fala isso, o pantanal vai renascer de uma forma totalmente diferente. Então, ele não vai ser mais o que ele era antes, então eu já vou conhecer outro pantanal. Quando eu for lá para conhecer ele "são", vamos dizer assim, eu vou voltar para lá e ver um Pantanal que não é o que eu via na TV. Que não é o que as pessoas me mostravam. E, além disso tudo, esse Pantanal diferente pode ser afetado por tudo o que a gente viveu no ano passado, ainda esse ano, se nada for feito desde então. 51:17 E o que está sendo feito desde então? Praticamente o mínimo ainda. Então se discute pouco. Os culpados sequer apareceram da maneira que tinha que aparecer. Houve um ou outro que a Polícia Federal identificou, mas não houve andamento dessas questões. Então, assim, a gente tem a possibilidade de ver tudo de novo nesse ano e isso é angustiante.

Entrevistado (a): Danusa Teodoro Sampaio, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Franca, é mestre em Sustentabilidade Urbana pelo programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana no departamento de Engenharia Civil da UFSCar. Responsável pela Joia do Futuro, atua como designer de joias produzidas a partir de materiais recicláveis.

Data: 17/11/2021

Horário: 9h30

Via: Whatsapp

Nós já conversamos há três anos e naquela época você falou que via o mercado sustentável com potencial para crescer. Nesse meio tempo a sua opinião foi confirmada?

Confirmadíssima. O exemplo de pessoas que estão escolhendo a sustentabilidade como um estilo de vida aumentou muito. Não falo apenas de consumo, mas sim de uma nova forma de enxergar o mundo e lidar com as relações de uma forma geral mais consciente e justa.

Você ainda vê o mercado voltado para a sustentabilidade como uma possibilidade para pessoas que estão procurando uma área para iniciar o próprio negócio?

Sim e isso está acontecendo na atualidade. É só perceber a quantidade de bares, restaurantes, lojas de roupas que estão apostando na vertente sustentável, reciclável, vegana, vegetariana. Como isso aumentou em todo mundo, sobretudo na cidade que moramos, Ribeirão Preto.

De lá para cá o que mudou nas vendas da Joia do Futuro? Acho que as pessoas entenderam que de fato o lixo pode ser repensado, por isso as vendas aumentaram. Eu vejo muito pelos clientes que tenho, são pessoas que apostam nesse tipo de consumo consciente, valorizam algo que conte uma história, mas que tem uma preocupação ambiental por trás vinculado com um design bem pensado e atemporal.

E os consumidores? Ainda existe a tendência de que as pessoas prefiram produtos pensados a partir da sustentabilidade?

Não só existe a tendência, mas sim uma nova possibilidade de mudar esse cenário catastrófico que estamos vivendo. A tendência que você menciona nessa pergunta é uma grande plataforma de extensão e conexão. O pensamento de regenerar, recuperar, resolver, reciclar, reaproveitar se intensificou muito, ainda mais durante a pandemia. As pessoas tiveram que repensar, mudar e agir.

Qual a importância desse trabalho de reutilização? Como ele ajuda o meio ambiente?

A importância desse trabalho é uma promoção de educação ambiental, um caminho para mudar a perspectiva do lixo por meio da cocriação, que perpassa por abordagens regenerativas e que respondem às dimensões da sustentabilidade. E essas mesmas dimensões que menciono são pautadas na arte, na criatividade, na inventidade, na consciência ambiental, na equidade, valorização dos saberes e fazeres artesanais e por fim, a contribuição maior com o meio ambiente, pode estar vinculada ao co-design, que automaticamente modifica novas maneiras de pensar e agir. Muito mais que comprar uma joia sustentável, brasileira, o consumidor está contribuindo com a diminuição de impacto de resíduos e automaticamente incorporando novas posturas e reflexões de consumo.

Entrevistado(a): Jorge Salomão Júnior, é formado em medicina veterinária pela Universidade Metodista de São Paulo e médico veterinário responsável pela Ampara Silvestre e Instituto Raquel Machado.

Data de realização: 12/10/2021
Horário da entrevista: 15h30
Via: Whatsapp

Áudio 02:23

No ano passado, o Pantanal ganhou destaque nacional e internacional por conta dos recordes de queimadas. Você pode explicar o que de fato ocorreu?

Em relação ao recorde de queimada do ano passado, uma série de fatores foram concomitantes para que isso acontecesse, né? Primeiro o fato da gente estar vindo já de uma estiagem prolongada, onde o pantanal é civico, né? Todo ano tem o momento da chuva, do alagamento e as chamadas cheias, né? E as cheias já há muitos anos não estão sendo significativas como deveriam ser, há muitos anos o pantanal sofre com a cheia indo embora antes do esperado, ficando mais seca antes do que a gente espera. Então esse período prolongado de estiagem de vários anos, já mais secos, é um dos principais fatores, né?

Juntando essa estiagem com o acúmulo de matéria orgânica, o que acontece é que teve muita matéria orgânica também, né? Há alguns anos foi proibido a queima controlada, aquela queima que é feita durante a chuva, né? A queima que justamente serve para queimar um pouco matéria orgânica, então a gente teve também um acúmulo de matéria orgânica. E fora isso a gente teve o fogo humano, a colocação de fogo, então isso também é um problema no Pantanal até hoje. No ano passado aconteceu bastante, tem comprovado que vários dos focos tiveram origem criminosa. Esse ano também, ainda não se provou se esse ano foi criminoso ou não, mas que a origem foi humana, que foi gente tacando fogo, isso já está provado. Então juntando a seca com o acúmulo de matéria orgânica com a colocação de fogo no pantanal, foi por isso que aconteceu a queimada recorde do ano passado.

Áudio 00:54

O uso do fogo no Pantanal não é uma novidade, então qual a diferença entre as queimadas que têm ocorrido agora e os incêndios anteriores?

De fato o fogo é parte do ciclo do Pantanal. O Pantanal pega fogo anualmente, isso é sabido, mas a diferença é o acúmulo de matéria orgânica, a estiagem prolongada, está tudo muito seco, então facilita muito a propagação do fogo. E o próprio combustível sendo colocado por humano mesmo. O humano está dando início. Então isso é muito complexo, a gente precisa de mais consciência de mais gente trabalhando para que isso não aconteça.

Áudio 01:26

Qual a importância do Pantanal para o Brasil e o mundo?

A importância do Pantanal é indiscutível, né? O Pantanal é um bioma único, é a maior planície alagada do mundo. A quantidade de diversidade, a quantidade de biodiversidade que tem aquele lugar seja de flora, seja de fauna é um local onde espécies migratórias fazem parte do seu ciclo também. Então assim, o Pantanal juntamente com outros biomas, principalmente a Amazônia lá das cabeceiras, que inclusive que desce para o Pantanal, são biomas de suma importância inclusive para qualidade de ar, inclusive para a produção de água, enfim. É todo o ciclo que a gente já está cansado de saber, mas só está entendo a interligação agora, da forma mais doída. É um bioma que tem uma diversidade animal muito grande, abriga espécies que reproduzem espécies importantes, não só pra gente, mas para o mundo, quando a gente fala de conservação a mesma coisa de flora. Então de fato a importância desse bioma é indiscutível e difícil de mensurar o que pode acontecer se a gente perder uma parte tão importante.

Áudio 01:25

É verdade que a vegetação pode não se recuperar?

Em relação a vegetação os estudos mais otimistas falam que vai de 7 a 10 anos para ter uma possível recuperação, que anteriormente a isso dificilmente a gente vai ter as vegetações nativas de novo, né? Agora tem espécies oportunistas que acabam crescendo mais rápido, tem espécies introduzidas até pelo próprio manejo que teve com os animais da região, colocação

de frutas. A gente vê frutas e legumes crescendo ali que não via antigamente, né? Que acabaram crescendo justamente por causa de todo o trabalho que teve lá em 2020, mas a vegetação nativa, mesmo os mais otimistas, os pesquisadores mais otimistas dizem que de 7 a 10 anos para aparecer. Óbvio que a gente tem essa preocupação de não recuperar né? Mas eu particularmente acredito que recupere, o Pantanal de fato é um bioma muito resiliente, muito forte, né? Então eu ainda acredito que se recupere, pode demorar um pouco, mas que vai se recuperar sim.

Áudio 00:59

Há falta de fiscalização hoje ou isso é um problema que, na verdade, sempre existiu?

Ela ainda ocorre, né? Mas não é um problema de hoje, isso acontece há muitos anos, né? São poucos técnicos, poucos profissionais que fazem essa fiscalização com um território geográfico muito grande que é no Brasil. Então o pantanal é um dos locais onde menos tem ações fiscalizatórias, né? Em todos os sentidos, em ações pensando em pescados até ações pensando em caça, em supressões. Então de fato falta fiscalização, sempre faltou, falta ainda e acredito que pelo andar da carruagem ainda vai faltar por muito tempo, né? Eu acho que a fiscalização é um pilar importante para a preservação, é um pilar importante para que a gente consiga tirar o Pantanal dessa situação a qual ele se encontra hoje.

Áudio 01:17

Quem é que se beneficia com toda essa catástrofe, nesse cenário de falta de fiscalização e de desmonte dos órgãos ambientais?

Quem é que se beneficia com toda essa catástrofe, nesse cenário de falta de fiscalização e de desmonte dos órgãos ambientais é quem anda errado, quem aproveita essa ausência de fiscalização para desmatar, quem aproveita essa ausência de fiscalização para botar fogo, queimar, para transformar em área de lavoura, para transformar em basto, para aumentar sua parte produtiva. O Pantanal ele tem muito disso, a grande parte dele, até por ser uma área alagada não é produtiva, então é comum que donos de propriedades queiram usufruir quanto mais eles conseguir, vale para pasto, para produção e assim tem desmatamento, tem queimada, enfim. Então essa falta de fiscalização e esse desmonte de órgãos acaba ajudando

essas pessoas que estão mais preocupadas com o ganho mesmo, com o lado financeiro, do que com o bioma, do que toda a preservação pode trazer benefícios de uma maneira geral.

Áudio 01:36

Na área atual é muito preocupante porque o bioma acabou de sair de uma queima, de uma não, da queimada mais intensa já vista, que foi a queimada de 2020. Uma queimada que a gente sabe que mais de 30% do bioma, quando se fala de pantanal inteiro, mais de 30% do bioma foi consumido, mais de 17 milhões de vertebrados morreram, mais de 4 bilhões de invertebrados morrem, né? O que aponta as pesquisas aí, então assim o bioma perdeu muito, né? E ainda Para ajudar nós estamos saindo dessa tragédia de 2020 e agora em 2021, quando estava dando o início de uma recuperação, já houve fogo. Houveram novos focos menores que foram controlados mais rapidamente. Por isso, o cenário é muito preocupante, a gente já vem de vários anos de estiagem, aí em 2020 tivemos o incêndio de proporções catastróficas e agora uma seca de proporções imensuráveis no momento. A gente tem que torcer para que chova, a gente tem que torcer para que o próximo ano tenha uma cheia significativa para que o bioma ganhe fôlego e comece a se recuperar.

Áudio 03:30

Por que é importante a gente falar sobre a preservação ambiental, sobre a fiscalização e a conservação?

A importância de falar sobre preservação ambiental, fiscalização e a conservação e a gente conseguir dissipar, a gente conseguir atingir um público maior, né? Eu falo que infelizmente a gente tem muitos conservacionistas de cadeira, muitos conservacionistas de escritório, aquele cara que defende que até muitas vezes é bitolado que defende até de uma forma errônea, né? Porque está dentro de um escritório, que está dentro de casa sentado lá no ar condicionado e tentando defender sem entender o que a gente passa, o que passa ser no dia a dia, qual que é a luta real, né? Então acho que por isso é importante, é importante falar sobre preservação, a gente mostrar o que a preservação pode fazer e quando a gente fala de preservação a gente não tá falando só de uma onça, a gente não tá falando uma anta, a gente não tá falando de planta, só de flora a gente tá falando da água que chega no cano do nosso chuveiro, a gente tá falando da água que a gente bebe, a gente tá enfrentando aí uma das maiores crises hídricas,

ne? De novo, é independente de qual lugar que a gente esteja, então é muito maluco parar para pensar que as pessoas não se ligam que isso está relacionado com a Amazônia, com o rio de cabeça, com a cabeceira do rio, que está relacionado com o Pantanal e se a gente não preservar, se a gente não lutar pelos biomas, se a gente não bater nessa tecla de preservação ambiental, de conservação vai atingir inclusive quem está longe desses locais. Então, eu acho que por isso a maior importância está justamente aí, né? A gente tem que conseguir através da preservação, através de fiscalização, através de conservação mostrar para as pessoas, mesmo quem não está lá, o que a gente faz está na outra ponta acaba influenciando, né? Então é de suma importância que a gente fale mais sobre isso, que a gente deixe isso mais acessível, um tipo de informação mais acessível a maior parcela da população, né? Então ao meu ver é uma das únicas possibilidades que a gente tem de melhorar o cenário de uma maneira geral. A gente fala mais sobre isso, as pessoas terem acesso nas grandes redes, as pessoas terem acesso a isso com facilidade, né? Para que entendam a importância disso. A gente que vivenciou, a gente que vivencia isso ver o quanto mudou, o quanto facilitou só do Pantanal ter virado ano passado como virou notícia mundial, né? Então a preocupação atual das pessoas é com isso, os olhos estarem voltados para o Pantanal justamente porque ficou palpável, porque ficou fácil de enxergar, né? É um problema que acontece há anos e por que agora? Por que agora que estourou? Porque a gente voltou os olhos, literalmente, de todo mundo para o Pantanal. Então é de suma importância que a gente fale sobre preservação ambiental, a gente fala sobre fiscalização, a gente fala sobre conservação e a gente divulgar isso também.

Áudio 01:26

Como está o bioma um ano depois do que ocorreu?

R:O bioma um ano depois da grande catástrofe está, é muito complicado a situação, é como eu já vinha falando nas outras respostas, né? A gente acabou de sair da catástrofe e a gente já entrou na maior seca, né? Então assim é uma porrada atrás da outra, literalmente. Tem hora que a gente tem um esboço de recuperação do bioma, a chuva não vem, a cheia não vem como a gente espera, aí consequentemente tudo seca, não tem água, a gente já vê animal morrendo de novo agora não por causa do fogo, mas por causa da seca, né? A gente já vê animal desidratado de novo, animal desnutrido porque não tem o que comer, porque não tem o que beber porque tá muito seco, né? Então a gente acabou emendando um ano no outro, acabou emendando duas situações extremas, né? Com o incêndio do ano passado com a seca

deste ano, então a situação atual do bioma não é boa e a gente tá fazendo muita coisa aqui paliativo, mas a gente tem que torcer para que chova logo, para que o pantanal volte a ganhar volume de água, né? Porque nessa altura do campeonato só a chuva para melhorar as coisas novamente, mas a situação do bioma está bem preocupante.

Áudio 01:39

Quem realmente são os afetados por tudo isso que está acontecendo?

Os mais afetados são com certeza os pantaneiros, os que vivem no rio, os pequenos que vivem mesmo no pantanal, né? Que estão ali há muito tempo e que o pantanal é a casa mesmo. Então esses com certeza são os mais afetados. Atualmente a gente fala que tem algumas regiões, né? Tem alguns pantanais, né? Eu posso falar com mais propriedade do Pantanal Norte, onde tem uma consciência, tem uma pegada de consciência ambiental melhor né? Os donos de pousadas, os guias de turismo, mesmo os ribeirinhos eles já entenderam que a preservação acaba sendo muito mais interessante financeiramente falando do que ao contrário. Então na região do Pantanal de Poconé é uma região onde você vê os ribeirinhos, grande parte até dos donos de propriedades já lutando para preservar, né? É óbvio que tem um ou outro que ainda está na contramão, mas grande parte estão a fator, já estão tentando mudar, já estão explorando mais o turismo de observação, já estão ajudando a preservar porque já entenderam que isso traz turistas e consequentemente traz dinheiro, então acho que isso é importante.

Áudio 01:34

Um dia a vegetação e os seres vivos vão conseguir se recuperar?

Para a gente só resta ter fé, a gente acreditar na resiliência do bioma, acreditar que sim que esses animais vão se recuperar, por mais que demore. Cientificamente falando, existem alguns trabalhos falando que sim, que vai se recuperar, que nunca mais vai ser da forma a qual era, mas que vai se recuperar. Então vamos torcer para que essas pesquisas estejam certas.

Entrevistado (a): Augusto Martinez Perez Filho. Doutor em Direito pela Faculdade Autônoma de Direito - FADISP; Mestre em Direito pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP; Master of Laws - LLM pela Brigham Young University (EUA). Professor no Programa de Mestrado Profissional em Direito da Universidade de Araraquara - UNIARA e dos Cursos de Direito da Universidade Paulista - UNIP e da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP.

Data de realização: 24/11/2021
Horário da entrevista: 18h00
Via: E-mail

O que é a insegurança alimentar? Por que essa é uma pauta mundial?

No primeiro ano da pandemia, mais de 2 bilhões de pessoas ao redor do Mundo não tiveram acesso à alimentação adequada. A fome é um fenômeno cruel e lamentável da realidade, sobretudo, dos países menos desenvolvidos. Todavia, há também a insegurança alimentar, que é semelhantemente trágica, pois representa a ausência de alimento em quantidade, regularidade e qualidade adequados às necessidades das pessoas, afetando diretamente o seu desenvolvimento – no caso de crianças – ou à sadia qualidade de vida e expectativa de vida, quando adultos ou idosos. Essa é uma pauta mundial porque representa um dever inerente à solidariedade dos povos. A falta de acesso aos alimentos simboliza um dos mais duros golpes à dignidade da pessoa humana e, em situações extremas, é capaz de gerar crises supranacionais, dando margem a conflitos e o deslocamentos populacionais em massa.

No caso brasileiro, a Constituição Federal expressamente estabeleceu a erradicação da pobreza como um dos objetivos fundamentais, além de registrar o direito à alimentação como um direito social. Todavia, pesquisas como o “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia Covid-19”, elaborado pela Rede PENSAAN, com o apoio de outras entidades, indica que há 19 milhões de brasileiros passando fome, além de 116 milhões de brasileiros em situação de insegurança alimentar, um contingente maior que duas vezes a população da Argentina. Daí a importância e urgência do tema.

Qual a relação entre o meio ambiente, a produção de alimentos e o aquecimento global e as questões climáticas?

São questões que se entrelaçam e merecem uma abordagem holística. A produção dos alimentos que compõem o "prato" do brasileiro é, em sua maior parte, decorrente da agricultura familiar. Portanto, um importante passo para se garantir melhor acesso e a segurança alimentar passa, necessariamente, pelo fortalecimento da agricultura familiar. Além do aumento da produção e da melhoria da qualidade desta produção, a segurança alimentar também requer que o indivíduo tenha acesso aos gêneros alimentícios. O poder aquisitivo deve ser suficiente para garantir uma alimentação com qualidade. A ampliação do poder de compra e a melhoria da renda são necessários para que uma parcela maior da população brasileira tenha acesso a alimentos com alto valor nutritivo. Neste sentido, políticas de distribuição de renda e da garantia de uma renda mínima universal são imprescindíveis.

Finalmente, a segurança alimentar também demanda uma correta política de proteção ao meio ambiente. As queimadas na floresta amazônica impactam negativamente os "rios voadores" que são responsáveis pelo abastecimento de repositórios de água nas regiões Sudeste e Sul do país, onde se concentra a maior parte da população. Fenômenos naturais como o *haboob*, caracterizado por uma tempestade de poeira, com rajadas de ventos acima de 90 km/h denunciam que medidas devem ser tomadas de modo a mitigar os efeitos da seca e do aquecimento global.

Como as questões ambientais podem aumentar o risco de insegurança alimentar? Como isso impacta as populações de baixa renda?

O Brasil precisa superar décadas de desempenho econômico aquém de suas necessidades. Isto, evidentemente, afeta em especial, as camadas menos favorecidas da sociedade. A alta da inflação também corrói o poder de compra das pessoas, o que afeta diretamente na segurança alimentar.

O desrespeito ao meio ambiente tem impacto particular em relação às populações de baixa renda, que muitas vezes são obrigadas a se deslocar em razão de catástrofes ambientais ou não

possuem direitos básicos garantidos, como se verifica junto a populações que residem em palafitas ou povos ribeirinhos. Questões ambientais também podem afetar negativamente a segurança alimentar, na medida em que a poluição de lençóis freáticos tem o condão de comprometer as novas gerações, além de tornar necessário medidas adicionais para se garantir o consumo humano, encarecendo e dificultando o acesso a este bem de necessidade vital. O acesso à água não é adequadamente democratizado, e os conflitos ambientais geradores de injustiças sociais, dentre elas o acesso a uma adequada segurança alimentar já foi apontado, em diversas áreas do país, pelo "Mapa de Conflitos, Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil", editado pela Fundação Fiocruz.

Por outro lado, uma política ambiental alinhada com boas práticas de sustentabilidade pode ampliar o acesso à alimentação saudável e equilibrada, uma vez que corrobora com a produção de alimentos de melhor qualidade. A preservação das florestas e a diminuição das queimadas mitigam os efeitos naturais do período de estiagem. Há quem defenda a necessidade de se reflorestar espécies nativas da Amazônia, além da importância em se assumir compromissos públicos no sentido de alertar e mitigar os perigos relacionados ao desmatamento para a ampliação de áreas destinadas à agropecuária. Mesmo sob o ponto de vista estritamente econômico, a promoção do meio ambiente pode atrair relevantes somas de investimentos estrangeiros na forma de *green bonds.* Estudos apontam que o Brasil tem o potencial de atrair mais de R$ 3 trilhões em investimentos sustentáveis. As oportunidades em termos de mercado de carbono, biogás e o hidrogênio como combustível são outros nichos que o Brasil poderia se destacar positivamente, sempre visando o desenvolvimento de novas tecnologias, a reindustrialização nacional e a criação de novos postos de emprego.

Quais medidas podem ser adotadas para impedir que as questões ambientais interfiram na garantia de alimentação?

A informação sobre o estado atual dos recursos naturais precisa ser conhecida – no detalhe – além de monitorada permanentemente. Os resultados devem ser divulgados de forma pública e transparente, isto é, em formato que permita a compreensão rápida e fácil das informações. Esta é uma condição imprescindível à adequada formulação de políticas públicas, que por sua

vez devem ser contundentes em relação ao desenvolvimento social, inclusivo e sustentável. Temos capacidade de nos tornar um país referência para outras nações em relação à proteção e uso racional dos recursos naturais em benefício de nosso povo e da humanidade, mas para isto é preciso fortalecer as instituições públicas envolvidas neste processo, que devem ter condições materiais e de pessoal para o desempenho adequado de suas funções.

Um projeto estratégico que identifique as potencialidades dos diversos biomas nacionais, a quantidade, qualidade e riscos – atuais e futuros - relacionados aos recursos naturais, capaz de dialogar com os diversos setores da economia e trabalho, com respeito aos povos indígenas e comunidades quilombolas, compreendendo às necessidades particulares das populações urbana e rural é o que poderá fazer com que os desafios relacionados à fome e a insegurança alimentar sejam solucionados. Para tanto, é imperioso que haja maior investimento em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, bem como a adoção de novos paradigmas econômicos que permitam a geração e distribuição de renda. A questão da gestão dos recursos hídricos e o combate à desertificação e queimadas deve ser pontos centrais desse projeto. Pouco se fala em relação à Amazônia Azul, que é composta por toda costa brasileira e o mar territorial. Como ampliar a produção de pescados de forma sustentável, aumentando sua participação na alimentação do brasileiro? Como enfrentar os desafios relacionados ao lixo e ao plástico no litoral brasileiro? A ausência de saneamento básico torna as praias impróprias para banho e recreação, com evidente impacto no meio ambiente, turismo e pesca. Isso sem falar da necessidade de melhora na gestão hídrica em relação aos diversos rios brasileiros, muitos – infelizmente – transformados em “esgoto a céu aberto”.

Não há como aceitar o fato de sermos um dos maiores produtores de alimentos do Mundo e ao mesmo tempo, “palco” de tanta miséria social.

Entrevistado(a): Gustavo de Carvalho Figueiroa, graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é fotógrafo, biólogo e conservacionista, além de embaixador da WWF Brasil e membro do Instituto SOS Pantanal. Falou sobre as queimadas no Pantanal em 2020, a atuação do Instituto, o resgate dos animais durante a catástrofe e a recuperação da fauna e da flora após os incêndios.

Data de realização: 3/11/2021
Horário da entrevista: 18h00
Via: Whatsapp

Áudio 01:08

Qual é a atuação da equipe SOS Pantanal?

SOS Pantanal atua em algumas frentes diferentes. Primeiro é do Advogasse, a gente atua com articulação de políticas públicas em prol de um desenvolvimento sustentável do Pantanal e do entorno. Então, de leis que garantam a preservação do meio ambiente e ao mesmo tempo que garantam o desenvolvimento econômico local. Uma outra atuação que nós temos é o monitoramento de ocupação do solo, né? O monitoramento do solo no Pantanal através do mapa biomas. Uma outra frente nossa é de comunicação, trabalhamos bem forte a comunicação do Pantanal, tanto das coisas ruins quanto das coisas boas que acontecem no bioma. A ideia é colocar o Pantanal no mapa ne? Mostrar para as pessoas que o Pantanal existe e precisa ser preservado. A última frente agora é essa de combate e prevenção a incêndio, né? Nós estamos montando brigadas, já montamos 24 brigadas e continuamos com esse programa de brigadas pantaneiras para prevenir e combater incêndios florestais no Pantanal.

Áudio 00:49

O Pantanal já esteve em chamas em outras ocasiões, o que houve de diferente no último ano?

O que houve diferente do ano passado foi a junção de vários fatores, primeiro uma seca muito forte, a pior seca dos últimos 47 anos que o bioma enfrentou. Segundo muita matéria orgânica disponível, né? Durante muitos anos cresceu muita matéria orgânica em áreas que eram alagadas, aí quando não teve água essa vegetação ficou esturricada, então serviu como combustível para queimar muito rápido. O terceiro fator é a ação humana, né? Então 95% dos incêndios começam por ações humanas sejam intencionais ou não. Então esses fatores juntos fizeram uma equação dessa grande catástrofe ambiental.

Áudio 01:16

Qual foi a função do Instituto durante os incêndios que atingiram o Pantanal em 2020?

Durante os incêndios de 2020 o SOS Pantanal arrecadou recursos, nós fomos até o campo para apoiar as operações de logística. Então já tinha gente resgatando animais, já tinha gente apagando o fogo, mas não tinha ninguém cuidando praticamente da logística. Então nós fomos lá para identificar quais eram os pontos que poderiam ajudar cada um e facilitar a vida das organizações que estavam ali combatendo, então fizemos um papel bem importante nos bastidores, mas que facilitou muito a vida de quem estava ali fazendo o trabalho na ponta. Então foi essencial e em preciando nós ficamos as abrigadas né? e também fomos combater o fogo, também fomos resgatar bicho, mas o principal foi a gestão e logística que a gente atuou em 2020, apoiando outras instituições que estavam na linha de frente. E uma outra coisa muito importante nós fizemos no incêndio de 2020 foi a comunicação, eu acho que nós viramos uma das principais referências a respeito do que estava acontecendo lá, porque estávamos em campo coletando informações científicas, tirando essas informações e a gente estava disponível o tempo todo para revistas internacionais, jornais internacionais, para a mídia, para passar informações correta do que estava acontecendo. Então atuamos bem forte na comunicação dos incêndios do ano passado.

Áudio 00:29

Como foi presenciar tudo aquilo? O que mais te impactou?

Pra mim presenciar tudo aquilo foi um grande choque de realidade né? Demorou um tempo para eu entender o que estava acontecendo, porque eu conheço aquele bioma há muitos anos

de uma forma muito bonita né? Sempre com muita vida e ver aquela região toda ali em chamas foi bem impactante não só pra mim, mas todos da minha equipe e de outras instituições, mas foi bem chocante ver essa disparidade de vida e morte no mesmo lugar.

00:47

Como tem sido a recuperação das espécies animais e também de vegetais que viviam/vivem no local?

A recuperação das espécies lá varia muito de espécie para espécie de qual local que está em recuperação. Então depende da intensidade do fogo que passou por aquele local, depende de que tipo de bicho vivia naquela região, mas no geral muitas espécies vão levar muitos anos para repovoar e voltar a ter as populações do jeito que elas existiam antes dos incêndios de 2020. O mesmo vale para plantas, algumas vão levar muitos mais anos ainda para voltar ao normal e a tendência nunca é voltar ao normal, nunca vai voltar a ser o que era. Vai transformar em outra coisa, mas mesmo assim para recuperar boa parte das espécies que foram perdidas vai levar uns bons anos, quem dirá décadas.

Áudio 00:25

O Pantanal algum dia vai conseguir se recuperar totalmente?

Nunca vai voltar a ser o que era, não vai se recuperar totalmente. O Pantanal está sendo mudado pela ação humana e vai continuar em mudança, o que a gente tem que fazer é evitar que esses desastres, essas tragédias se repitam com essa frequência e intensidade que tiveram no ano passado para que o pantanal seja um ambiente saudável no futuro, mas voltar a ser o que era nunca vai voltar a ser.

Áudio 00:27

A região corre risco de enfrentar incêndios neste ano de novo?

Já sofreu com incêndio, já acabamos com a temporada de incêndio, acabou mais ou menos nessa semana. Esse ano a gente teve quase 1,5 milhões de hectares consumido pelo fogo, é

menos do que ano passado que teve quase 4 milhões de hectares, mesmo assim é bastante coisa é o dobro da média histórica é muita área que foi queimada, esse ano foi feio também.

Áudio 00:14

Quem realmente são os afetados por tudo isso que está acontecendo?

São os humanos que moram lá, os que não moram lá também, os animais, todo mundo é mau para todo mundo. Então é uma cadeia que ninguém sai beneficiado, todos são afetados direta ou indiretamente.

Áudio 00:24

Por que é importante falar sobre a preservação ambiental, fiscalização e conservação?

Porque é o nosso mundo e o ser humano depende da natureza para sobreviver, nós somos animais assim como os outros animais que existem nesse mundo e nós dependemos da natureza, dos recursos da natureza para a sobrevivência. Então se a gente não preserva a nossa maior riqueza que é o meio ambiente a gente está cometendo suicídio da nossa própria espécie.

Entrevistado: José Marcelino de Rezende Pinto, licenciado em Física pela Universidade de São e bacharel em Direito pela mesma universidade, além de mestre e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, é professor da USP em Ribeirão Preto e um dos responsáveis pelo programa Ambiente É o Meio, que debate questões ambientais na rádio USP.

Data de realização: 11/12/2021
Horário da entrevista: 17h00
Via: Meet

Professor, primeiro, o que é a educação ambiental, a conceituação dela e qual que é a importância?

A educação ambiental é todo instrumento e ferramenta que permita ampliar o debate, principalmente com a sociedade como um todo, sobre as questões ambientais, porque o grande, eu acho que o grande desafio para quem lida com a questão ambiental, e aí eu já não sei se estou indo para outra pergunta, mas é que enquanto o degradador tem um lucro imediato. Então, ele sabe muito bem o que ele quer. Então, quando um grileiro derruba uma mata na Amazônia, ele está derrubando porque ele sabe que depois vai poder vender. Quando os garimpeiros invadem uma área indígena, quer dizer, o outro está ali. Já o dano é muito mais difuso, ele atinge a sociedade como um todo. Então, eu acho que esse é o grande desafio. Por isso que a educação ambiental não pode ser meramente uma disciplina na escola, mas ela tem que ser uma abordagem global. Eu tenho que discutir a educação ambiental quando estou dando aula de geografia e português na escola. Mas no meu dia-a-dia enquanto cidadão. Eu acho que grande instrumento de educação ambiental é a mobilização social. Ir para as ruas, é provocar atos. O Greenpeace é muito bom para isso, é desencadear situações que realmente levem as pessoas a sair um pouquinho daquela alienação. Porque é exatamente isso. O dano não está ali, imediato. O dano do aquecimento global é uma coisa de médio e longo prazo. Embora a gente já tenha sentido alguns efeitos.

Esse finalzinho da sua resposta, inclusive, entra em uma das minhas perguntas e até dúvidas pessoais. Eu tenho ouvido muito, em muitos lugares, pesquisadores e cientistas falarem que a Terra já está se aproximando de um ponto de colapso que vai ser

irreversível. Eu queria saber um pouquinho do que o senhor conhece e do que o senhor tem acompanhado. O senhor também acredita nisso, que a gente já está chegando naquele ponto em que não vai ter um retorno.

Quer dizer, o planeta vai sobreviver sempre, né, quer dizer, o homem é que provavelmente não. Daqui um milhão de anos, quer dizer, provavelmente nós não vamos estar mais aqui, mesmo que, digamos, não houvessem grandes impactos ambientais, né. O grave dessa questão é que, por intervenção humana, a gente está colocando o mecanismo em uma situação que, enquanto antes o horizonte era de milhões de anos, agora a gente está entrando em um horizonte muito mais curto. E essa coisa do não retorno, ela se dá em diferentes frentes. Uma que os cientistas têm mostrado muito é questões como, por exemplo, a Amazônia, existem os dados mais recentes tem indicado que existem franjas da floresta que viraram savana, quer dizer, não existem mais chances daquilo recuperar aquela formação típica, original. E porque que isso é muito grave, porque todo o sistema de chuvas que abastece o sudeste e o sul, os chamados rios voadores, eles dependem intrinsecamente da amazônia. Então eu entendo que sim, quer dizer, que esse equilíbrio, porque o que seria romper esse equilíbrio? A hora que mesmo que eu corra atrás plantando árvores e etc não dá mais, porque é um cristal que se quebra. São coisas muito delicadas, né, Tainá, e tem os... são muitos juristas que dizem, o meio ambiente você tem que trabalhar com o princípio da precaução. Quer dizer, tudo aquilo que eu não sei muito bem se vai dar problema ou não eu tenho que evitar. E o que está acontecendo no Brasil e, em particular, nesses dois últimos governos é o contrário. Quer dizer, tudo aquilo que eu não sei se vai provocar um risco eu faço uma intervenção destruidora. Então, quer dizer, é assustador.

Sim, professor, inclusive, essa também entra em outra pergunta que eu iria fazer. O que nós, como seres humanos, tanto quanto indivíduos e também como sociedade, podemos fazer para frear essa devastação?

Então, Tainá, eu sempre vejo duas frentes de atuação. Quer dizer, uma frente é aquela minha enquanto indivíduo e cidadão. Dá para cada um fazer a sua parte, reduzir o lixo, reciclar aquilo que é reciclável, as famosas, né, que a televisão tem muito. O que eles chamam de educação ambiental, mas que eu acho que tem, às vezes, um pouco de perfumaria, né, quer dizer, não que ela não seja importante, até porque ela é o elemento central da própria

conscientização. A partir do momento que você começa a separar o lixo, você fica atento, olha eu não vou comprar coisas que geram tanto lixo. Quer dizer, você começa a ver que, por um lado, você pode, por exemplo, diminuir o lixo. Então, você começa a ver que existem caminhos. Agora, é fundamental que se tenha políticas públicas, porque é preciso ter estado. É preciso influenciar. Quer dizer, o que é terrível no Brasil é que, enquanto o setor do agronegócio, do ponto de vista do PIB e mesmo dos empregos, hoje, ele representa menos do que 20%, quer dizer, não é pouco, mas é 20%. Mas ele tem uma bancada no congresso nacional que deve ser quase a metade. E pior, quer dizer, não é um agronegócio, em uma perspectiva sustentável. Quer dizer, essa bancada que está lá, é uma bancada que historicamente vive de empréstimos do Banco do Brasil, de especulação com terras, de uso, de usar terras públicas, quer dizer, não é um, não são produtores rurais. Eles são rentistas. Então, assim, nós vamos influenciar, vamos eleger deputados compromissados com a causa ambiental. Nós precisamos cobrar do prefeito, cobrar do governador, por que a grande destruição se dá, primeiro pelo interesse privado, né. Quer dizer, se você tiver uma região como Ribeirão Preto, a cana praticamente eliminou a mata ciliar, né. A cana hoje mesmo está sofrendo com as queimadas, mas quem iniciou as queimadas foram os usineiros, porque ele diziam que sem queimar a cana não era possível colher, depois descobriram que o não queimar até do ponto de vista econômico é muito melhor. Mas, quer dizer, então, o primeiro grande destruidor é a lógica privada, porque a gente tem uma lógica capitalista que infelizmente, né, eu não sou daqueles que, quer dizer, eu acho que o capitalismo está aí, então nós temos que conviver com ele, mas o capitalismo deixado à própria, sem controle, ele só pensa, é aquilo que eu falei no começo, só no imediato. É preciso criar mecanismos, não para acabar com a atividade agrícola, mas ela tem que ser disciplinada, né, quer dizer. A gente tem um código florestal que foi estuprado, me desculpa mas essa é a palavra, né, mas ainda tem lá coisas que, se cumpridas, ajudariam muito. Porque a gente sabe o que fazer, nós temos uma estrutura de conselhos que foi montada desde 88, que ajuda. A gente tem na constituição uma estrutura de, um empreendimento tem que ter um estudo de impacto ambiental, um relatório de impacto, ou seja, o que fazer, a receita, do ponto de vista institucional, do ponto de vista das políticas, a estrutura está montada, né. O Brasil montou o ICMBio, com técnicos competentes, através de concurso, né, do Chico Mendes. Então, isso é fundamental. Quer dizer, se não houver essa atuação coletiva da sociedade, né, indo para as ruas, né. Agora felizmente, a gente espera que mais, com máscara, mas vamos para as ruas. Quer dizer,

porque se não, esse interesse privado que eu te falei que é muito forte, ele tende, ele não vai ver. Ele age primeiro, para depois, né, tentar mudar a lei. E como ele tem uma força grande no Estado, eles tem dinheiro, então eles influenciam nas campanhas eleitorais, quer dizer, se a sociedade que é penalizada como um todo, que é muito mais gente do que eles, mas é uma população que está dispersa, então é fundamental que essa população se organize. Então eu vejo, falei muito para variar, mas eu vejo que são duas frentes, que dizer, uma frente que é mais individual e uma frente que é coletiva, numa perspectiva de influenciar as políticas públicas e controlar esse interesse que é absolutamente predador, do homus econômico, vamos dizer assim. É aquele que só olha o lucro que ele vai ter no dia seguinte, ele não quer saber se o preço desse lucro em longo prazo é a destruição da humanidade.

Por que é importante que nós, como sociedade, acompanhemos o que os governantes tem feito em relação às decisões sobre o que fazer com a nossa natureza e com o nosso meio ambiente?

Se a gente não agir, o outro lado está agindo. O presidente da república, ele não se reúne com ambientalista, mas ele se reúne com os garimpeiros, por exemplo, como a gente tem visto aí na mídia. E não são só os garimpeiros, são os grandes proprietários rurais, os fabricantes de motosserra. O garimpo só existe porque existem empresas poderosas que financiam, que arrendam máquinas, quer dizer, a gente fez uma entrevista na rádio que o cara mostra assim, onde tem o garimpo clandestino você tem concessionárias de marcas internacionais que vendem compressores, quer dizer, então eles estão agindo e eles são muito próximos, tem poder econômico, tem poder político. Então, se a gente não fizer o outro lado, é terra arrasada. O ministro já disse, é porteira aberta. A gente tem vivido com a porteira aberta. Nos governos Fernando Henrique e, principalmente nos governos Lula e Dilma, o que houve, quer dizer, tinha ainda muita devastação, mas você tinha um horizonte. Quer dizer, você tinha um avanço de civilização, quer dizer, você tinha um discurso que dizia, olha, nós temos um problema, mas nós estamos tentando resolver problemas. Quer dizer, admitindo o problema, assumindo metas, né, mesmo que muitas vezes de forma um pouco na hipocrisia, mas, quer dizer, foi sendo construído um sistema e os indicadores, por exemplo, o sistema que o Inpe construiu, o sistema de detecção de queimadas. Os indicadores estavam apontando melhorias, todos os indicadores apontavam melhorias, de Temer para cá, realmente foi uma inflexão, quer dizer,

com o golpe em cima da Dilma que foi feito exatamente nesses interesses que hoje controlam o centrão, que por trás estão os ruralistas, está a bancada da bala, a bancada evangélica, mas não é qualquer evangélico, são evangélicos do dinheiro. Não estão preocupados com a salvação da alma de ninguém, estão preocupados em ter canal de televisão e para isso eles dependem do governo e quanto mais canais, mais eles manipulam os seus seguidores. Então, foi claramente uma inflexão. Era um país que aos trancos e barrancos, de um lado avançou muito na legislação e nas normas e, progressivamente vinha avançando em fazer a norma virar lei, virar realidade. Não, lei já era, virar realidade. Então é isso. Com o Temer, né, com o golpe, e, particularmente, com o Bolsonaro, aí, aí não tem nem o que falar, né, Tainá, porque é só abrir o jornal.

Como a educação ambiental pode afetar vários âmbitos da vida humana, por exemplo, como por exemplo, a saúde, o bem estar e essas coisas.

É, então, eu acho que tudo. Tem educações e educações ambientais, né. Quer dizer, eu acho que a educação ambiental verdadeira ela tem que ter uma visão de mundo como um todo. Então ela tem que discutir injustiça social, ela tem que discutir desigualdade, porque, na verdade, as coisas estão ligadas. Nessa perspectiva, ela é revolucionária. Então ela é um elemento revolucionário. Eu acho que o Brasil tem o Paulo Freire, o Paulo Freire é uma grande referência para se pensar na educação ambiental, porque qual é a chave em toda a discussão do Paulo Freire, é que a educação só faz sentido se ela tiver uma perspectiva transformadora, né, quer dizer, se o educando entender a educação como uma ferramenta para ele entender o mundo e mudar o mundo. Educação ambiental é isso. Entender o mundo para mudá-lo.

ANEXOS

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu José Marcelino de Rezende Pinto
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar minha imagem e voz, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Ribeirão Preto, 23 de novembro de 2021.

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu Augusto Martinez Perez Filho autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar informações prestadas por mim para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Ribeirão Preto, 24 de novembro de 2021.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Jorge Sp. Salomão Junior,
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar minha imagem e voz, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

São Paulo, 28 de novembro de 2021.

MSc. Jorge Salomão Jr.
Médico Veterinário
CRMV-SP 21.351

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Leandro Roberto Barbosa, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Tainá Lourenço das Virgens, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos*, e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de maio de 2021.

Assinatura: _____

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu Mariah Silva Leandro Campos, abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Atmos _____ e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 26 de março de 2021.

Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu _____,
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar informações prestadas por mim, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2021.

_____
Assinatura do entrevistado

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu Gustavo Figueiroa,
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a imagens produzidas pelo Instituto SOS Pantanal para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Ribeirão Preto, 4 de novembro de 2021.

Gustavo Figueiroa

Gustavo Figueiroa
379.945.268-02
Signatário

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu Gustavo Figueiroa,
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a imagens produzidas pelo Instituto SOS Pantanal para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Ribeirão Preto, 4 de novembro de 2021.

Gustavo Figueiroa

Gustavo Figueiroa
379.945.268-02
Signatário

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Jorge H. Salomão Júnior,
abaixo assinado(a), autorizo Tainá Lourenço das Virgens, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar imagens do produzidas pela *Ampara Silvestre*, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: *Atmos* e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

São Paulo, 28 de novembro de 2021.

MSc. Jorge Salomão Jr.
Médico Veterinário
CRMV-SP 21.351

Assinatura do entrevistado